



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACS
CURSO: PSICOLOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DA ESTRUTURA FAMILIAR
NA ORGANIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

CLAUDEMIR DOS SANTOS SOUZA

**BRASÍLIA
JUNHO/2005**

CLAUDEMIR DOS SANTOS SOUZA

**A IMPORTÂNCIA DA ESTRUTURA FAMILIAR
NA ORGANIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

Monografia apresentada como requisito
para conclusão do curso de Psicologia
do UniCEUB - Centro Universitário de
Brasília.

Professor Orientador:

Fernando Luis González Rey

Brasília-DF, Junho de 2005

AGRADECIMENTOS

Afetuosamente,

a Deus, embora não compreenda sua natureza dualística, tampouco sua forma de ser Pai;

a meus pais e irmãos, por serem minha estrutura familiar, tão importante na organização da minha subjetividade;

ao meu amor, por existir em minha vida e, por assim dizer, cair do céu fazendo-me sentir a força e a Luz da sua presença.

Sinceramente,

a Lúcio Carlos de Pinho Filho, por sua sincera e confiante parceria;

a Giselle de Fátima Silva, por sua voluntária, inestimável e fundamental monitoria;

a Sandra Leão, por sua importante e voluntária contribuição.

Especialmente,

ao Professor Doutor Fernando Luiz González Rey por sua atenção e habilidade na orientação acadêmica dos complexos processos da subjetividade humana.

SUMÁRIO

	página
1. Introdução	1
2. A saúde na Psicologia.....	4
2.1. A saúde mental	6
3. Sujeito e subjetividade	10
3.1. O sujeito social.....	12
3.2. As representações sociais	14
3.3. O sentido subjetivo	15
3.4. As emoções	15
3.5. O papel da família na organização da subjetividade	16
4. O problema de pesquisa	18
5. Metodologia	22
5.1. A pesquisa qualitativa	22
5.2. Os três princípios da epistemologia qualitativa	24
5.3. O cenário da pesquisa	25
5.4. Construção dos instrumentos de pesquisa	26
5.4.1. Entrevista	27
5.4.2. Conversação	28
5.4.3. Complemento de frases	29
5.4.4. Questionário	30
5.4.5. Redação	30
5.5. O sujeito de pesquisa.....	31
6. Produção da informação	33
6.1. Os indicadores de pesquisa	35
6.1.1. A estrutura familiar	35
6.1.2. As relações parentais	38
Com o pai	38
Com a mãe	43
6.1.3. Auto-estima	46
6.1.4. A afetividade e as relações sociais.....	47
6.1.5. Baixa resistência a frustrações	49
6.1.6. Soluções criativas	50

Religião e voluntariedade	50
O trabalho e os estudos	51
Considerações finais	52
Referências bibliográficas.....	55
Anexo I - Carta-convite	58
Anexo II - Declaração de consentimento	59
Anexo III - Entrevista	60
Anexo IV - Redação 1	64
Anexo V - Redação 2	67
Anexo VI - Redação 3	68
Anexo VII - Complemento de frases	70
Anexo VIII - Comentários adicionais.....	76

Resumo

Esta pesquisa foi desenvolvida sob orientação da epistemologia qualitativa. Nela, uma tentativa de compreender as relações da estrutura familiar na organização da subjetividade da pessoa, não formulando justificativas que levem o pesquisador a concluir a discussão teórica do problema. Muito pelo contrário, considerando a inegável complexidade da constituição individual, propõe uma abordagem teórica sobre o papel da família no desenvolvimento psíquico. Foram aplicados instrumentos de pesquisa interativos (questionário, entrevista, complemento de frases e redação), os quais forneceram indicadores de que a família exerce importância fundamental na forma como a pessoa percebe a si mesmo e o mundo à sua volta. Apresenta, também, uma breve discussão acerca dos impactos negativos ou positivos nas relações parentais (pai-filho, filho-pai, mãe-filho, filho-mãe, pai-mãe, mãe-pai), na estruturação da auto-estima cujo comprometimento repercute nas relações afetivas e sociais da pessoa. Não obstante as dificuldades naturais encontradas ao longo da vida individual, a família opera influentemente sobre o modo como a subjetividade é organizada. Cada membro apresenta formas distintas de comportamento, possuindo sistema afetivo próprio e, de igual forma, modos particulares de pensar, agir e sentir, fatores estes que influenciam na formação do seu sentido subjetivo. Há uma busca frenética e continuada pela elaboração de soluções que facilitem o processamento destas operações subjetivas. Assim nascem os processos de construção das soluções criativas como instrumentos mediadores no processo de enfrentamento da complexa tarefa de viver em sociedade.

1. Introdução

Esta monografia é o resultado de uma pesquisa psicológica dedicada à produção de conhecimentos sobre os impactos da estrutura familiar na formação do sistema de significações e sentidos subjetivos sobre o qual é organizada a vida psíquica de uma pessoa. Sistema aberto, em constante e complexo desenvolvimento, que não depende apenas da pessoa em si, mas, com igual valor, do ambiente social em que a mesma está inserida.

A partir de uma perspectiva interacionista, a subjetividade tornou-se o ponto central deste trabalho visto que encerra, em si, o sujeito concreto, considerada sua constituição única, indivisível (algumas vezes, inexplicável), em constante interação com os diferentes sistemas que compõem a subjetividade social dentro da qual a pessoa interage aperfeiçoando seu repertório comportamental à medida em suas ações vão sendo desenvolvidas. Concluí e prefiro afirmar que a pessoa “aperfeiçoa” este repertório, independente se isto será de forma positiva ou negativa na organização de sua subjetividade, à medida que vai se relacionando socialmente. Gradualmente, comportamentos antes inadequados se elevam a níveis satisfatórios de equilíbrio do sujeito em relação ao contexto social. Aqui, o conceito de inadequação é visto como a forma de expressão de ações sociais equilibradas entre a pessoa e o ambiente social do qual pertence.

Na minha opinião, o ser humano não está sujeito apenas ao adoecimento físico. Um provável processo de adoecimento opera, silenciosamente, desde quando, no ventre da mãe, a pessoa passa a perceber cargas emocionais desta, do pai, irmãos ou outros membros da família à qual já pertence. Ao nascer, estará mais exposta a este sistemático e progressivo processo, o que pode resultar em adoecimento físico ou mental (ou físico e mental) já que a pessoa, não apenas para fins didáticos, deve ser considerada como um todo, não apenas o corpo físico nem apenas o corpo mental, mas um processo maior que integra ambos, capaz de fazê-los coexistir em harmonia. Cada ser humano é distinto e possui constituição e configuração subjetiva próprias. É a complexidade humana sobre a qual a ciência busca formular hipóteses, em seus sucessivos esforços de explicar o porquê das pessoas serem suscetíveis ao adoecimento enquanto que outras, mesmo submetidas às mesmas pressões, sequer demonstram sintomas típicos do processo do adoecer.

Pesquisas sobre subjetividade abrem novas linhas de discussão para investigar a interação entre sujeito, subjetividade, saúde e adoecimento, dentro do contexto sócio-cultural. Linhas não conclusivas, sujeitas a modificações no curso de ação do pesquisador

que, em interação constante com o pesquisado, formula hipóteses à medida em que os indicadores vão surgindo e assumindo papel relevante no cenário da pesquisa.

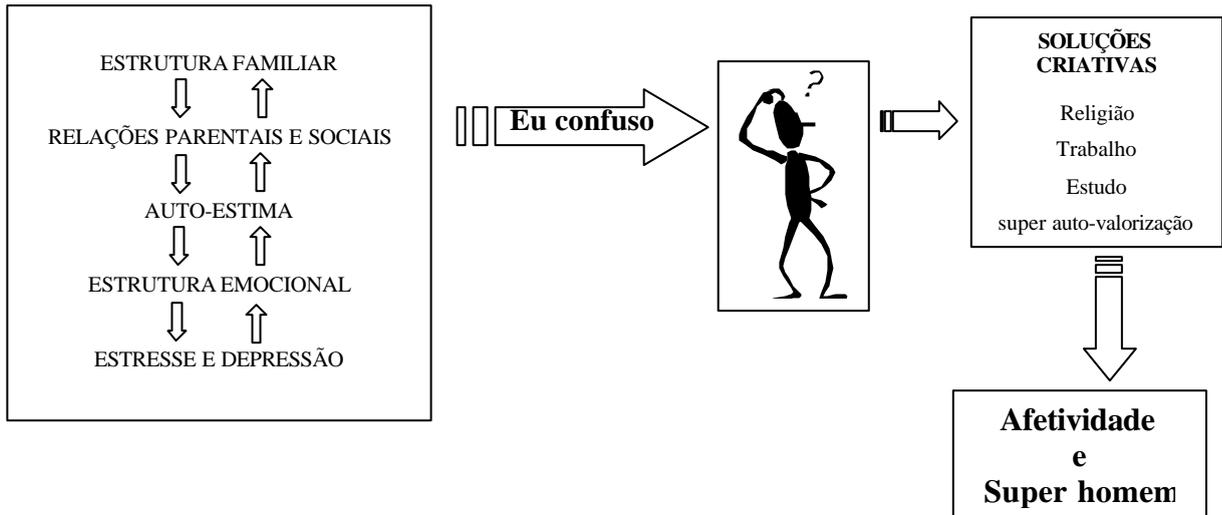
Sujeito e subjetividade são processos distintos, porém, andam de mãos dadas, são inseparáveis, coexistem. A importância de um justifica a existência do outro. É um sistema organizado, em interação constante na produção de sentidos subjetivos. O adoecer é uma anomalia no equilíbrio desta organização, com conseqüências inequívocas e diretas para a pessoa, o ambiente social.

Esta pesquisa objetiva abrir campo de entendimento na busca de se compreender a produção de sentidos subjetivos da pessoa em seu ambiente familiar segundo os critérios da epistemologia qualitativa em psicologia proposta por González Rey (2002).

Para atingir este objetivo, foi convidado um sujeito cujo comportamento oscilava nos extremos durante a execução das tarefas laborais. Esta observação influenciou a definição do problema de pesquisa inicial baseado nos efeitos do contexto de trabalho sobre a saúde mental do trabalhador. Equivocadamente, pensou-se que o sujeito sofria com as pressões típicas do contexto laboral e “aparentava” não possuir resistência para se desfiliar das mesmas durante suas outras interações sociais: família, escola, amigos, esportes coletivos.

Deste ponto de partida, foram construídos os instrumentos de pesquisa iniciais (questionário, entrevista, complemento de frases) conhecidos por quem se dispõe a pesquisar processos psicossociais, individuais ou coletivos. Como os resultados obtidos não estavam consoantes com as expectativas iniciais, foram cogitadas outras possibilidades e, em conseqüência disso, um novo instrumento foi construído com o objetivo precípua de tornar eficaz e eficiente a exploração do enriquecido (e influenciado) repertório comportamental do pesquisado. A redação foi um instrumento que possibilitou a valorização do intelecto do pesquisado nas próprias ponderações sobre suas vivências particulares. Esta decisão foi o tão esperado “insight”, instrumento perfeito em sua utilidade. Os indicadores extraídos possibilitaram proposição de análise discursiva, ampla e aberta em consonância com o poder do contexto interativo da pesquisa (vivências pesquisador- vivência pesquisado) na produção de conhecimentos. Assim surgiu a definição incontestável do problema de pesquisa, que trata do infalível poder da estrutura familiar sobre a organização da subjetividade humana.

No diagrama abaixo, uma tentativa de representar, de forma sistêmica, a imagem deste problema de pesquisa, onde tento demonstrar a influência recíproca de cada um dos processos histórico-sócio-culturais, os quais têm origem na família, sobre o processo maior: a subjetividade.



De acordo com esta imagem, cada elemento do processo opera sobre o outro de forma recíproca e recursiva, repercutindo na organização da subjetividade e afetando o comportamento da pessoa.

A pesquisa foi estruturada em quatro partes. A primeira compreende o levantamento teórico dos trabalhos publicados sobre os temas necessários ao desenvolvimento das discussões propostas, quais sejam: como o tema da saúde é tratado na Psicologia, um breve histórico sobre o que vem a ser a saúde mental no contexto psicológico. É discutida a teoria de Sujeito e Subjetividade proposta por González Rey (2003), abrangendo as relações entre subjetividade individual e social, sentido subjetivo e emoções. Por fim, discute-se o papel da estrutura familiar na organização da subjetividade.

A segunda parte apresenta o problema de pesquisa e a metodologia de pesquisa adotada para desenvolvê-lo teoricamente. Uma varredura sobre a pesquisa qualitativa sucedida da definição do cenário de pesquisa, construção dos instrumentos e, por fim, definição do sujeito pesquisado.

A terceira parte corresponde à produção das informações (idéias) a respeito da importância da estrutura familiar sobre a organização da subjetividade, a partir dos eixos temáticos citados no diagrama acima, convergindo numa discussão acerca das soluções criativas formuladas pelo pesquisado para superar os problemas advindos das relações familiares comprometidas.

Por fim, a última parte compreende as considerações finais ressaltando os aspectos importantes apontados durante o levantamento da literatura psicológica sobre o tema, uma crítica acerca do atual modelo orientação científica nas pesquisas acadêmicas e uma visão geral do cenário da pesquisa e os respectivos conhecimentos produzidos, os quais espera-se possam abrir de novos campos de pesquisa.

2. A saúde na Psicologia

Infelizmente, na atualidade, o tema da saúde em psicologia nos remete, primeiramente, a uma reflexão sobre o que podemos considerar como estado de doença ou estado de saúde, comportamento normal ou anormal, adequado ou inadequado.

Que conhecimentos (empíricos ou informais) dispõe, ou melhor, fornece a ciência psicológica para que possamos estar habilitados para, sem vacilar, distinguir os processos saudáveis do intitulado processo de adoecimento?

Em busca disso, podemos nos sustentar no modelo de estruturação do aparelho psíquico proposto por Freud. Resumidamente, este modelo tenta nos transmitir conhecimentos sobre como se processam os traumas que vagarosa, mas implacavelmente, impactarão de alguma forma no comportamento humano e, conseqüentemente, na saúde mental (ou física).

Uma visita às teorias psicológicas das fases do desenvolvimento motor e/ou cognitivo contribuirá com uma gama de informações cruciais para o estudo das multifacetadas da personalidade humana.

Todavia, entendo que não há necessidade de se recorrer a essas abordagens visto que, na minha opinião, o tema da saúde, na psicologia, pode ser estudado com imparcialidade onde o cenário de pesquisa principal seja a pessoa e, por conseqüência, sua complexa subjetividade. Sem ignorar a relevância do contexto no qual a mesma desempenha suas interações sociais, e defendendo que o que vem a ser um processo de saúde ou de adoecimento, depende da combinação desses fatores (GONZÁLEZ REY, 2004:1):

A saúde, ..., é um processo qualitativo complexo que define o funcionamento completo do organismo, integrando o somático e o psíquico de maneira sistêmica, formando uma unidade em que ambos são inseparáveis.

Esta alegação crítica, direta e abertamente, o modelo de definições há tempos adotado pelos profissionais da medicina que sustentam que a saúde é a ausência de sintomas de doença (GONZÁLEZ REY, 2004:1). No entanto, nem todo profissional das ciências médicas ignora o fato de que os processos de saúde e adoecimento podem ser influenciados pelo tipo de personalidade e modo de vida da pessoa. A este respeito, Tortora (2000: 256), fisiologista, declara:

O estresse pode causar doença. Mas a relação entre o estresse e a morte não é simples. Uma certa quantidade ou tipo de estresse não causa automaticamente uma dada condição de saúde. O impacto do estresse sobre a saúde é mediado por uma série de importantes variáveis genéticas, ambientais e de personalidade.

As pessoas respondem ao estresse de muitas formas diferentes. Algumas pessoas têm uma tolerância muito elevada e mesmo apreciam uma vida em alta velocidade; elas procuram situações cheias de exigências desafiadoras. Outras estão mais confortáveis com um ritmo mais lento. Porém, cada um de nós parece ter nosso próprio “calcanhar de Aquiles”, nossa própria área especial de vulnerabilidade em que o excesso de estresse manifesta-se fisicamente e psicologicamente.

Complementa ainda:

Os pesquisadores descobriram que emoções como a raiva e a hostilidade são especialmente nocivas à nossa saúde. Sensações de isolamento e alienação também demonstraram fortes associações com conseqüências negativas à saúde.

Da declaração de Tortora (2000), extraímos indicadores que reforçam a idéia de que os processos de saúde e adoecimento dependem, fundamentalmente, da forma como foi organizada a subjetividade de cada ser humano.

González Rey (2004:9) defende que a saúde humana é um processo complexo, multidimensional e distinto, em constante desenvolvimento. Em sua estrutura interna, encontramos, ainda, a contradição típica da natureza humana, agindo livremente nos processos subjetivos. Somados estes elementos, cada qual com seu valor devidamente reconhecido, corrobora-se a idéia de que a saúde (ou a doença) depende, precipuamente, da unicidade da pessoa.

Diante da presença fundamental da subjetividade no processo da saúde, urge fazer uma breve menção à Psicologia da Saúde, nova vertente da ciência psicológica que, conforme sustenta Matarazzo (1980:915), busca compreender o processo da saúde mediante a aplicação de diferentes contribuições científicas e profissionais para promover a saúde (e mantê-la) por meio da prevenção e do tratamento de doenças, bem como do aperfeiçoamento das políticas de saúde.

Contudo, percebo que, na ciência psicológica, a saúde não é tratada apenas pela Psicologia da Saúde, mas em suas outras vertentes teóricas, em especial a Psicologia Clínica. Enquanto na primeira busca-se uma visão diferenciada da pessoa como um ser social de múltiplas inter-relações onde são produzidas suas representações (contexto sócio-cultural), na última focaliza-se o aspecto dinâmico intra-psíquico onde o modo de compreensão é construído ao redor do binômio saúde-doença (UNIVAG, 2005).

Esta discussão visa demonstrar que o tema da saúde no contexto da ciência psicológica é um desafio bastante complexo, pois seu desenvolvimento prático-teórico enfrenta muito mais resistência individual do que o processo em si, pois que a maioria das teorias psicológicas desenvolvidas centram suas atenções apenas na doença. A este respeito, González Rey (1997) defende que é necessário “abandonar a definição de saúde em termos de

normalidade, equilíbrio ou ausência de sintomas”. Numa linha adicional de pensamento, este autor sustenta a existência de um outro desafio na questão: a importância da inclusão do tema da saúde dentre os problemas já pesquisados nos contextos das psicologias social e educacional.

A saúde é um processo que não se deve ser confundido com estados de normalidade, tampouco deve-se confundir a doença com estados de anormalidade. Ambos são processos que, embora reflitam aspectos da vida social, são multidimensionais e estão interligados à dimensão subjetiva da pessoa, única e distinta.

A saúde é um processo dinâmico, em constante desenvolvimento, dentro do qual a pessoa participa ativamente, porém, não de forma unilateral.

A saúde é um processo que combina fatores genéticos, congênitos, somato-funcionais, sociais e psicológicos (GONZÁLEZ REY, 2004:2-3).

Por fim, define-se que a saúde não se caracteriza pela ausência de sintomas de adoecimento, mas conforme defende o autor, por “um funcionamento integral que aumenta e otimiza os recursos do organismo para diminuir sua vulnerabilidade aos diferentes agentes e processos causadores da doença”

A saúde é um processo integrado, do qual fazem parte a saúde somática, expressa no nível físico (orgânico, biológico), e a saúde mental, expressa no nível psicológico (GONZÁLEZ REY, 2004:1). Embora, tais níveis possam ser, conforme recomendação do autor, separados para fins didáticos, deve o Psicólogo, no exercício da profissão, estudar o processo da saúde como sistema único.

Nesta pesquisa, por questão didática, não abordaremos a saúde apenas no nível físico, visto que vista nosso problema de pesquisa nos remete diretamente das complexas atividades subjetivas residentes no nível mental, contrariando pressupostos comportamentalistas.

2.1. A saúde mental

A saúde mental, como epigrafado, é um nível de processo da saúde humana. Compreende os aspectos psíquicos da subjetividade.

A Psiquiatria lista uma série de critérios como “identificadores” da saúde mental (PSIQUIATRIA, 2005):

1. atitudes positivas em relação a si próprio;

2. crescimento, desenvolvimento e auto-realização;
3. integração e resposta emocional;
4. autonomia e autodeterminação;
5. percepção apurada da realidade;
6. domínio ambiental e competência social

Por sua vez, Jourard e Landsman, citados por González Rey (2004:8), elaboraram um outro rol:

- a capacidade de amar;
- a criatividade;
- a capacidade para realizar um trabalho produtivo;
- a capacidade para integrar experiências negativas dentro do eu;
- abertura para novas idéias e para as pessoas;
- preocupação consigo mesmo, com outras pessoas e com o mundo natural.

Embora concorde que tais critérios e indicadores estejam relacionados à saúde mental, não nos interessa estas definições ou quaisquer discussões que nos direcionem aos campos da psicopatologia ou da psiquiatria. Interessa-nos, porquanto, descrever a importância e o papel da saúde mental no objetivo desta pesquisa. Interessa-nos a saúde mental enquanto processo organizador da subjetividade, complexo e em constante desenvolvimento desde o nascimento da pessoa, correspondendo ao nível psicológico e atuando sistematicamente nos processos de significação e formação de sentidos presentes nos cenários de constituição da vida social, delimitando o ambiente social no qual a pessoa desempenha suas interações.

Assim como o tema da saúde, a saúde mental pouco espaço teórico tem recebido na literatura psicológica. Ambas sempre surgem atreladas ao processo de adoecimento. Sempre aparecem intrinsecamente relacionadas às doenças mentais (neuroses, psicoses); outras vezes, como fator determinante de doenças psicossomáticas.

Por conta das conclusões deterministas, o termo “saúde mental” é carregado de estereótipos. Ao ser citado, não é de surpreender que esteja sendo referido a um contexto psiquiátrico ou psicopatológico, visto que todas estas abordagens logo levam aos tipificados transtornos mentais., onde as pessoas acometidas são estereotipadas com termos depreciativos como “débil mental”, “retardado”, “doido”, dentre outros.

Gostaríamos de encontrar literaturas que se referissem à saúde mental não apenas como um produto dos processos de saúde e de doença, mas que descrevessem seu modo particular de funcionamento no modo de pensar, sentir e agir do sujeito.

A saúde mental não é um estado, mas um sistema complexo, rico em detalhes que insistente e pacientemente esperam para serem discutidos sob uma ótica funcional, livres dos preconceitos típicos das formações acadêmicas. Não se pretende, aqui, apresentar uma tentativa diferente de dicotomizar o ser humano, pois isso nos remeteria de volta ao

determinismo mecanicista, mas demonstrar uma forma de construção de conhecimentos que possam libertar a saúde mental do estereótipo de estar, sempre, ligada a um estado de doença.

González Rey (2004:13), ao se referir à atuação da doença somática sobre a saúde mental, sustenta que, em caso de desvalorização, a pessoa pode perder o interesse e desestruturar seus sistemas objetivos. Assim, estará sujeita à depressão e ansiedade. No meu entendimento, esta pressuposição trata de conseqüências, não de *modus operandi*.

Continuo pensando que dever-se-ia colocar a saúde mental, enquanto processo único, sobre uma mesa e desmontá-la elemento por elemento, como se fosse um equipamento eletrônico, identificando e entendendo o funcionamento integrado de suas partes e o modo particular como, curiosamente, recorrem a si mesmas numa autêntica “recursividade” que influencia negativa ou positivamente o repertório comportamental da pessoa sem que isso, contudo, signifique a possibilidade de que se esteja desenvolvendo um processo de adoecimento.

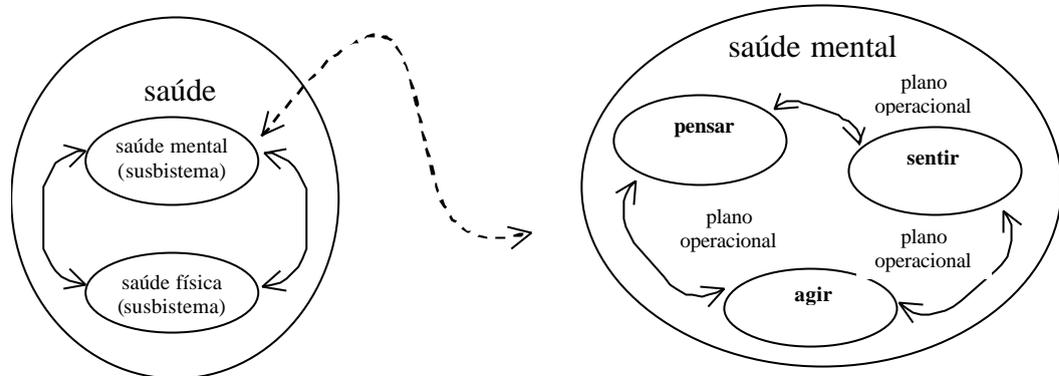
González Rey (2004:23) formula uma interessante hipótese sob a qual tento demonstrar, com maior clareza, a proposta imediatamente acima referida.

Quando o homem é portador de uma orientação ativa, ou seja, é gestor de sua própria cultura individual, assume a responsabilidade de seus atos, desenvolvendo uma sólida orientação volitiva em relação aos diferentes aspectos de sua vida. Além disso, é capaz de influenciar todo o seu sistema de hábitos em função de seus objetivos pessoais e do sentido exercido por estes em sua concepção de mundo.

É sabido e inequívoco que um sistema é um todo, estruturado por variável número de subsistemas interdependentes e interrelacionados que, dependendo do ponto de referência, podem também ser estudados como sistemas com características peculiares, funcionamento distinto voltado para sua existência e, principalmente, a existência do sistema maior do qual é parte integrante. Na nossa opinião, a saúde mental segue estas características. É um subsistema do sistema saúde; o outro é a saúde somática. Enquanto sistema, a saúde mental é constituída de outros subsistemas que interagem entre si e são capazes de influenciar todo o sistema. Estas interações podem resultar em modificação na concepção de mundo da pessoa, mas, não necessariamente num processo de adoecimento, pois os indivíduos “se diferenciam também segundo sua capacidade de suportar tensões, mantendo uma ação individual organizada.” (GONZÁLEZ REY, 2004:24).

Em nossos esforços para demonstrar a importância da estrutura familiar na organização da subjetividade, sentimos a necessidade de entender, longe das perspectivas psiquiátricas e psicopatológicas, o funcionamento do sistema saúde mental. Para fins

didáticos, extraímos a saúde mental do processo da saúde e, conforme o seguinte diagrama, tentamos demonstrar nossa proposta:



Um exemplo para se entender este esquema. Um dos processos mentais mais presentes na subjetividade do sujeito pesquisado nesta monografia é a dúvida. Dúvida de ser, de fazer, de sentir.

A dúvida ocorre no plano mental, mais precisamente no plano do pensar. Se caracteriza por uma interrupção, paralisação ou uma anomalia qualquer que impede que o pensamento flua pelo plano operacional com destino ao sentir ou agir. Parece-nos, a priori, que sucessivamente ao primeiro pensamento, outros pensamentos vão sendo emanados com igual ou superior prioridade enquanto o primeiro ainda está sendo processado. Este fenômeno resulta numa espécie de congestionamento do tráfego do pensamento para o plano operacional e, por conseguinte, para o plano do agir ou do sentir. Na vida real, é como se um ou vários motoristas resolvessem trafegar em sentido contrário à via. Neste exemplo, toma-se o primeiro pensamento como sendo um dos motoristas que estão trafegando corretamente, mas que deve gastar tempo na elaboração de esquemas de ação para evitar a colisão com os que trafegam no sentido contrário.

É certo que nem sempre um pensamento se encerra com uma ação ou uma sensação. Contudo, o tempo inteiro a pessoa está diante de escolhas que requerem tomadas de decisão diante da modificação do contexto. É este fenômeno que a psicologia ainda não conseguiu explicar, tampouco desenvolver teorias que possam orientar novas formas de produção de idéias para que a saúde mental seja entendida na sua essência, como um sistema complexo e não como mais um estereótipo científico.

Repito que inúmeras literaturas foram desenvolvidas enfatizando as doenças mentais. Me deixa ansioso ante a possibilidade de analisar uma abordagem

comportamentalista na tentativa de se explicar como ocorre a dúvida, pois, se a mente não existe, a dúvida seria então um comportamento a ser condicionado?

Concluimos, por fim, que, na questão da subjetividade, embora um dos seus pré-requisitos seja a inadequabilidade da dicotomização do ser humano, o que segundo González Rey (2003) seria um retorno ao modelo racionalista, dissecar a saúde mental isoladamente seria uma forma bastante razoável de entendimento e produção de idéias acerca do modelo funcional .

3. Sujeito e Subjetividade

A questão do sujeito, para efeito desta pesquisa, é tratada sob a perspectiva subjetiva. Diferente das abordagens que cuja base de sustentação seja a discussão sobre dados e números, os quais são responsáveis pela generalização dos fenômenos psicossociais da pessoa e pela proliferação de idealizações e verdades absolutas que encerram, em si, conclusões estáticas sobre o sujeito, o mundo e a produção de sentidos.

Pelo contrário, será adotada a idéia de um sujeito que se opõe ao pensamento determinista. Uma idéia baseada no conhecimento de que o sujeito é o conjunto de suas próprias ações subjetivas produzidas durante os processos psíquicos. Sujeito complexo e indivisível que, junto com a personalidade, atua no desenvolvimento de áreas de produção de conhecimentos subjetivos.

Ao propor tal abordagem, me sustento na definição de González Rey (2003), de que o sujeito é um indivíduo concreto, com características essenciais e permanentes em sua condição complexa. Um ser interativo, consciente, em constante progresso, portador de personalidade própria e imprevisível, parte indispensável da subjetividade. O sujeito é distinto e, como tal, é dotado de personalidade própria, incomparável e indivisível.

Toda pesquisa, independente de sua orientação metodológica, constrói seu objeto de estudo da maneira que melhor lhe favoreça a formulação e o desenvolvimento de hipóteses.

No que concerne ao “sujeito”, as pesquisas psicológicas não fogem a esta regra visto que cada uma elabora sua própria conceituação. Quanto a isso, bem define Lajonquière (1993), citado por Maraschin (2005), ao definir o “sujeito psicanalítico”:

O sujeito não tem origem, portanto não se desenvolve mas, pelo contrário, ele se constitui, graças a duas operações lógicas (...) que a teoria chama de estágio do espelho e complexo de Édipo.

Esta conceituação de sujeito bem atende aos interesses freudianos quando se tenta justificar que “... o sujeito do inconsciente começa a ser forjado pelos atos falhos, pelo sonho, pelos sintomas, situações onde a racionalidade não predomina. A análise deste sujeito constrói um saber que é diferente do conhecimento científico.” (MARASCHIN, 2005).

O sujeito psicanalítico, portanto, se posiciona em conflito com o sujeito racionalista de Descartes denunciando que a construção do objeto de estudo atende à orientação da pesquisa e se conceitua conforme os interesses do pesquisador. No extremo oposto, concordo com González Rey (2003:225) quando sustenta que a conceituação do sujeito deve observar os aspectos subjetivos uma vez que suas ações “são uma fonte constante de subjetivação que chega a ser constituinte dos próprios processos nos quais se constitui.”

A posição assumida nesta pesquisa é a de que o sujeito é um ser singular, histórico. Interpreta e dá sentido ao mundo. Valoriza suas relações com seu semelhante. Age continuamente no mundo, desenvolvendo (e se desenvolvendo) no conjunto das relações sociais do ambiente no qual está inserido.

De todo o exposto, se depreende que a personalidade é, pois, um distinto e complexo sistema de configuração de sentidos produzidos por fenômenos psicológicos distintos. Constitui-se por um conjunto de recursos subjetivos com os quais o sujeito determina e opera seu repertório comportamental. Forma-se, assim, a subjetividade individual que, conforme recomenda González Rey (2003), deve ser distinguida da social, pois, para a primeira, o sentido subjetivo é mediado por fatores individuais, de caráter sociocultural, mediados pela personalidade do sujeito enquanto indivíduo, envolvendo seus processos emocionais.

A personalidade é um dos principais objetos de configuração da subjetividade individual e, por ocupar este lugar de destaque, merece destacada discussão.

Considerando a flagrante oposição conceitual da personalidade como objeto de estudo em algumas vertentes da ciência psicológica, das quais destacamos a psicanálise e aquelas dedicadas à aplicação dos famosos “testes de personalidade”.

Para a primeira, a personalidade nada mais é do que o produto do inconsciente do sujeito, sofrendo importante influência de como o mesmo completou o estágio edípico. Ao decretar esta constituição, a psicanálise exclui quaisquer interferências conscientes da pessoa,

relegando para um plano “desconsiderável” os atos constitutivos de cada ser humano, naturalmente fundamentais e peculiares.

As vertentes da ciência psicológica que conceituam a personalidade dependendo do resultado de testes psicométricos vêem a personalidade como uma variável que pode ser medida. Ao defender tal idéia, ignoram, mais radicalmente do que a psicanálise, a natureza distinta da pessoa, pois os critérios para conceituar a personalidade podem ser padronizados.

Portanto, tais teorias não nos interessem na produção deste estudo e, mais uma vez, damos crédito a González Rey (2003:260) quando este defende que:

A personalidade, longe da representação dominante que tem acompanhado seu desenvolvimento conceitual na psicologia, não é aparência, mas constituição de elementos subjetivos associados a diferentes experiências humanas e que representam uma fonte permanente de emoção, enquanto as configurações subjetivas são motivos do sujeito.

...

Com a categoria da personalidade compreendida a partir desta definição histórico-cultural, que a define com sistema subjetivo, se cria uma nova zona de sentido para o conhecimento psicológico que nos permite compreender o momento atual do sujeito como configuração subjetiva de diferentes momentos de sua condição social e histórica...

O autor sustenta que a personalidade não tem natureza estática visto que se constitui como um sistema estruturado de acordo com a atuação da pessoa, considerado o meio social no qual está inserido e, por fim, a cultura, cenário histórico, sistemas de valores, sentidos coletivos e outros fenômenos sociais em vigor. Tudo isto compõe a configuração subjetiva que González Rey (2004:79) descreve como sistemas auto-reguladores, abertos e sujeitos à atuação da pessoa e, portanto, em constante desenvolvimento interativo.

3.1. O sujeito social

Para provocar uma discussão em consonância com a orientação epistemológica desta pesquisa, é importante elaborar uma distinção entre o individual e o social. Numa crítica à forma como o caráter social do homem é representado, González Rey (2003:224) informa que este (o caráter social) tem início na condição subjetiva do homem. O sujeito social resulta, portanto, da interiorização dos planos afetivo, cognitivo e físico, das interações sociais as mais diversas.

Dessa forma a subjetividade individual é produzida em espaços sociais formados historicamente. Portanto, na constituição de toda a subjetividade individual, estão os espaços desenvolvidos por uma determinada subjetividade social que antecede a organização do sujeito psicológico concreto. Essa idéia é fundamental para compreender o processo do adoecimento e os novos sentidos que surgem na subjetividade do indivíduo a partir da doença, pois a forma como o sofrimento, a nova condição de vida será integrada na subjetividade, no caso de uma doença grave como o câncer, depende não somente da história de vida do sujeito, mas também de uma subjetividade social que é anterior a subjetividade individual. São sistemas que se entrelaçam constantemente gerando novos sentidos e significados a cada momento.

A subjetividade individual está sempre se relaciona com o sistema de relações sociais. Ambos coexistem e geram conseqüências diferentes para a pessoa. O sujeito e seus processos individuais se desenvolvem no contexto social.

A constatação da importância fundamental das interações sociais na organização da subjetividade do sujeito pesquisado, obriga-nos a reservar um espaço de discussão a estes momentos sociais que têm início na infância e, ao longo da vida da pessoa, vão coexistindo com (e influenciando) a subjetividade individual.

As interações sociais são desenvolvidas na infância à medida em que a criança vai se relacionando socialmente com os pais, irmãos, parentes, a “turminha” da escola, professores e outras pessoas que, no decorrer do desenvolvimento de sua personalidade, farão parte do seu ambiente social (BANDURA, 1977).

Vale ressaltar, contudo, que cada indivíduo nasce com características distintas e, por este motivo, respondem de formas diferentes ao ambiente e às outras pessoas com quem se relacionarão à medida em que se desenvolvem os vários aspectos de sua personalidade. Isto significa dizer que o temperamento do indivíduo afetará seu modo de se comportar diante de certas circunstâncias sociais.

Erikson (1976), apesar de possuir tendências às teorias psicanalíticas, também interessou-se pela socialização das crianças. Para ele, em vez de estágios psicosssexuais de Freud, os estágios do desenvolvimento social da criança são denominados estágios psicossociais, nos quais a criança desenvolve seu senso de identidade, desenvolvendo suas interações sociais por meio das ligações afetivas.

3.2. As representações sociais

Qual o papel das representações sociais numa pesquisa de orientação qualitativa, voltada especificamente para o tema da subjetividade e saúde mental?

Conforme as discussões anteriores, o estudo da subjetividade naturalmente se expande em direção à subjetividade individual e, em consequência, à subjetividade social. Uma não existe sem a outra, pois coexistem em função da pessoa.

As representações sociais são necessárias, segundo González Rey (2003:123), ao estudo do processo de gênese e desenvolvimento do conhecimento social. São categorias que objetivam facilitar a compreensão da natureza simbólica e social do conhecimento, cuja função é produzir “significações mais além de qualquer objeto concreto que apareça como conteúdo de uma representação.”.

Deduz-se, por conseguinte, que as representações sociais são sistemas que permitem a interpretação da realidade, de modo que organiza as relações da pessoa com o (e no) mundo, orientando suas ações e comportamentos no contexto social.

Um pouco antes discutimos que o sujeito social é o resultado de um processo de interiorização. São as representações sociais que facilitam este processo de interiorização de experiências, práticas sociais e modelos de conduta sobre o qual ocorrem a construção e a apropriação de objetos socializados por parte da pessoa, enquanto sujeito social (XAVIER, 2005).

Esta idéia é reforçada por González Rey (2003:126) quando o mesmo sustenta que:

... A realidade aparece para as pessoas por meio das representações sociais e dos diferentes discursos que formam o tecido social, mediante os quais os sujeitos individuais, implicados em um determinado espaço social, configuram o sentido subjetivo das diferentes esferas de suas vidas, e produzem significações em relação a si mesmos e aos outros.

Com base nesta teoria, um dos objetivos específicos desta pesquisa (efetuar um levantamento das representações sociais vigentes do sujeito pesquisado) foi alcançado com êxito.

3.3. O sentido subjetivo

Do disposto nos capítulos anteriores, subte-se que o sentido subjetivo não se refere apenas às questões cognitivas, mas é fortemente influenciado pelo modo da pessoa perceber o mundo e os fatos ocorridos (ou ocorrendo) ao seu redor. É uma categoria que, segundo ensinamento de González Rey (2001), deve ser compreendida como a origem do processo de subjetivação individual, onde são definidos os efeitos psicológicos experimentados pela pessoa diante de determinada situação ou expressão.

O citado autor informa, ainda, que o precursor do conceito de sentido subjetivo na ciência psicológica foi Vygostky quando decidiu romper com a “visão centrada no indivíduo” dando, ao caráter social, uma importância ainda não considerada, abordando o tema da subjetividade dentro de um contexto histórico-cultural. Assim, pela primeira vez na história da ciência psicológica, o social passou a ser compreendido como parte integrante (e constituinte) do plano psíquico da pessoa.

Deve-se, assim, entender o sentido subjetivo como um fator histórico, portador de configurações sociais. Uma poderosa ferramenta facilitadora na árdua tarefa da compreensão do papel subjetivo primordial das emoções na produção de sentidos subjetivos da pessoa.

3.4. As emoções

A emocionalidade é um aspecto essencial da produção de sentidos subjetivos, que são responsáveis pela capacidade generativa do sujeito.

.....
 A emocionalidade representa a expressão de uma subjetividade constituída em uma história singular que se confronta e se expressa dentro do mundo presente no qual o sujeito vive....

(GONZÁLEZ REY, 2003:168).

Assim, verifica-se uma estreita relação entre sentido subjetivo e emoções. Esta bem posicionada construção de González Rey (2003:242) dispensa quaisquer comentários adicionais.

A emoção caracteriza o estado do sujeito ante toda ação, ou seja, as emoções estão estreitamente associadas às ações, por meio das quais caracterizam o sujeito no espaço de suas relações sociais, entrando assim no cenário da cultura. O emocionar-se é uma condição da

atividade humana dentro do domínio da cultura, o que por sua vez se vê na gênese cultural das emoções humanas.

Nesta pesquisa, discutiremos as emoções a partir do conceito de afetividade, sem elaborar discussões sobre questões fisiológicas.

Todo ser vivo, independente se homem ou animal, necessita de afeto. Não é necessário recorrer a nenhuma literatura para se certificar disto. Ao nascimento, homens e animais necessitam do afeto de sua mãe que, por sua vez, envidará todos os esforços para suprir sua cria. Não se trata apenas de uma necessidade, mas de um sistema complexo, constitutivo da natureza de cada organismo vivo.

No homem, este sistema é uma das configurações da personalidade e, conforme recomenda González Rey (2004:85), "... implica, simultaneamente, o interior e o exterior no sentido subjetivo da ação.". Conforme o capítulo anterior e de acordo com os pressupostos elaborados pelo referido autor, o sentido subjetivo é uma integração entre o nível emocional e o simbólico da pessoa, sentido culturalmente estabelecido.

Portanto, a afetividade é um complexo sistema de nível psicológico.

González Rey (2004:81) afirma que o desenvolvimento teórico subjetivo das emoções não ocupa o merecido lugar dentro da ciência psicológica e que, historicamente, esta reduz este estudo ao nível de necessidades. Na nossa opinião, a construção teórica acerca das emoções enquanto sistema integrante da subjetividade, deve considerar a importância dos afetos, os quais possibilitam que a pessoa elabore significado para eventos do mundo exterior. Sabidamente, os afetos básicos da natureza são o amor e o ódio, os quais interferem diretamente no nosso modo de agir, sentir e pensar.

3.5. O papel da família na organização da subjetividade

Propositadamente, este tema foi selecionado para encerrar o referencial teórico que norteou o desenvolvimento desta monografia. A família é a instituição social "no qual o homem expressa sua maior intimidade e espontaneidade..." (GONZÁLEZ REY, 2004:29).

Pela sua precípua importância na formação da subjetividade do homem, a família é o elemento determinante na promoção da saúde. Não há como discordar do autor acima referido quando (2004:30) bem se refere "... nela se forma a personalidade dos mais

novos e se desenvolve permanentemente a dos mais velhos. A família é, também, um cenário permanente de produção subjetiva.”.

Em nossas observações, constatamos que todos os indicadores de pesquisa convergem na família como a origem das dificuldades apresentadas pelo nosso pesquisado:

No capítulo em que discorri sobre as interações sociais, manifestei minha opinião (referendada por González Rey, 2004:30) acerca da importância inegável das ligações afetivas já nos primeiros anos de vida da pessoa.

É na família que se inicia o processo de socialização e noção de individualidade da criança. É na família que se estruturam as relações homem-mulher, adulto-criança, criança-criança, as quais exercerão influências significativas nas subjetividades individuais e sociais.

A comunicação ocupa lugar de destaque na estrutura familiar. A este respeito, González Rey (2004:31) sustenta ser um elemento fundamental para o bem-estar emocional do adulto. A comunicação expressa a transmissão das culturas familiar e social vigentes, bem como é o instrumento por meio do qual serão estruturadas as relações familiares.

O homem destaca-se por ser um ser naturalmente social. Para tanto, necessita relacionar-se com seus semelhantes. O relacionamento humano mais central que encontramos é a ligação afetiva que pode ser definida como a tentativa de se unir, de alguma forma, a outra pessoa mantendo um vínculo afetivo com a mesma, lançando mão do processo comunicativo.

Ligações afetivas, portanto, são os elos afetivos que ligam, no caso de seres humanos, uma pessoa, seja ele criança ou adulto, a outra pessoa, também criança ou adulto. São vínculos subjacentes do desejo de se estabelecer ou manter contato com uma pessoa específica.

A este respeito, González Rey (2004:30) bem define que é na família que a afetividade da criança será desenvolvida:

Os primeiros anos de vida da criança são indispensáveis para a formação dos sentimentos em relação aos idosos, aos animais e às plantas, processo este pelo qual se educam a sensibilidade das crianças e, conseqüentemente, a sua capacidade geral de amar. Essa sensibilidade e orientação emocional estão na base do sentido subjetivo da moral.

A falta de afeto, a agressão e a indiferença, bem como a comunicação de duplo vínculo e outras deformações dos relacionamentos humanos são extremamente prejudiciais para o desenvolvimento afetivo da criança. Tudo isso pode gerar agressividade, timidez e múltiplos transtornos para o comportamento infantil.

O desenvolvimento da ligação entre pais e filhos passa por um processo com duas etapas, onde o vínculo inicial ou forma ao nascimento ou logo depois dele.

Muitos pais formam um forte vínculo com seus bebês ao nascimento, diferente do bebê que demora alguns meses para formar uma ligação afetiva maior com seus pais. Vivências próprias nos permite dizer que, em casos em que as mães estão mais sensíveis aos seus bebês e mantêm um contato físico imediatamente após o parto, conseguem acalmá-los com maior facilidade. Já as mães que não tiveram a mesma ligação com seus bebês após o parto os submetem a uma dependência afetiva cujo resultado é a manutenção persistente de formas imaturas de comportamentos de ligação. Exemplo disto, podemos citar a busca constante de proximidade com a mãe; o fato da criança agarrar-se à mãe quando submetida a uma situação em que se espera iniciativa; a busca de aceitação, aprovação e afeto dos adultos, dentre outros.

A ligação afetiva básica com os pais e amigos é um aspecto importante do “desenvolvimento de uma personalidade plena, ativa, capaz de determinar, por si própria, seu relacionamento com a vida e de defender, com vigor, o sentido de suas distintas formas de envolvimento social” (GONZÁLEZ REY, 2004:28).

No meu entendimento, toda a estrutura familiar é organizada por meio do processo comunicativo. Se o nível da comunicação é bom, a estrutura familiar será sólida, estável e harmoniosa. Se a comunicação familiar não é de qualidade, a estrutura poderá sofrer soluções de continuidade e, afetivamente, os membros tendem a se afastar uns dos outros, com sérias e negativas repercussões na formação da personalidade da criança.

Por meio da comunicação fácil, objetiva e transparente, o adulto pode se conectar ao mundo da criança e ajudá-la a desenvolvê-lo, possibilitando à criança estruturar e organizar sua subjetividade de tal modo que seja capaz de enfrentar os desafios impostos pela vida em sociedade, com respostas satisfatórias no campo das emoções e das relações sociais.

4. O problema de pesquisa

Uma pesquisa é a realização de uma investigação previamente planejada, e desenvolvida utilizando as metodologias apropriadas para o tema, tendo como base o tipo de tarefa e os resultados pretendidos na resolução de um problema. Entende-se como problema em ciência, como sendo uma dificuldade, teórica ou prática, no conhecimento de alguma

coisa de importância, que ainda não possui respostas ou explicações, e que devem ser encontradas. O tema é a designação do problema e da área de conhecimento.

O ponto de partida da pesquisa, é a definição do tema a ser trabalhado. Para uma pessoa sem prática, ou sem muita prática em pesquisa, essa escolha pode ser bastante difícil, e geralmente é feita por sugestão e/ou concordância de seu futuro orientador, que deve ser um pesquisador já com experiência adquirida em pesquisa.

A citação acima foi extraída do livro *Metodologia de Pesquisa: como planejar, executar e escrever um trabalho científico*, de Fioreze (2003). Desse pressuposto, tenho condições de expor toda a dificuldade que encontrei para iniciar, com objetividade e desenvoltura, esta pesquisa. Durante todo o curso de Psicologia, todos os trabalhos (pesquisa de campo, trabalho teórico, seminários, estudo de caso) foram exigidos e construídos com o objetivo único de quantificar e interpretar informações, característica típica da pesquisa quantitativa.

Uma vez que a natureza deste trabalho é orientada segundo os princípios da epistemologia qualitativa proposta por González Rey (2002), uma das maiores dificuldades que encontrei para percorrer, com relativa confiança e objetividade, foi abrir mão de toda a experiência que adquiri nos trabalhos universitários e laborais, com a pesquisa quantitativa. Esta dificuldade me fez não entender que, conforme defende o referido autor, o problema de pesquisa não precisa ser definido no início da pesquisa.

Ora! Como é possível iniciar uma pesquisa sem, antes, saber qual o problema que necessita ser estudado? Não é com base iniciada nesse problema que o conhecimento começará a ser produzido? Que fontes bibliográficas pesquisar para entendimento do problema se este ainda nem foi definido?

Essas dúvidas angustiaram-me deveras. Todas as vezes que, antecipadamente, conforme sustenta Fioreze (2003), definia o problema, o tornava o centro da pesquisa e me perdia. Ora adentrava a Psicologia Organizacional, ora a Fisiologia, ora a Sociologia. Houve vezes que até me vi filosofando sem a menor esperança de “encontrar a luz no fim do túnel”. O resultado era o de sempre: a frustração e, conseqüentemente, um novo recomeço, um novo tema, um novo problema. O irritante círculo vicioso do qual não conseguia me livrar.

O que é esta pesquisa qualitativa? Que aspectos a torna tão difícil de ser realizada?

Finalmente, me recordei de que, em 1991, comecei a desenvolver os primeiros programas de computador utilizando o Clipper Summer '87, linguagem de programação em evidência, onde o programador, para atender os requisitos de sintaxe, deveria escrever os

códigos em estrutura procedural, isto é, seqüencialmente. O Clipper oferecia programas com interface MS-DOS, baseadas na tela de 80 colunas por 25 linhas. Esta deficiência decretou sua morte gradual, apesar de ainda hoje existirem programas ou programadores baseados nela.

Em 1998, por força do mercado, comecei a aprender uma nova linguagem de programação. O Borland Delphi, uma linguagem de programação baseada no Object Pascal. Como era de esperar, tive muita dificuldade em me adaptar ao novo ambiente de programação. Agora, em vez da tela padrão de 25 linhas por 80 colunas, a tela podia ser baseada nos famosos pixels, o que oferecia ao programador várias possibilidades de melhor projetar a interface com o usuário. Neste novo ambiente de programação, o sucesso somente veio quando compreendi que a metodologia de trabalho exigia abandonar a filosofia procedural pela orientada a objetos.

Este breve histórico bem reflete a dificuldade em “pensar qualitativamente”. Foram necessárias várias leituras para entender (ainda com certa desconfiança) os princípios da epistemologia qualitativa e sua forma distinta de desenvolver um pesquisa produzindo informações com qualidade. Dependendo da experiência, quantificar é fácil, assim como é programar proceduralmente. Da mesma forma, qualificar é difícil, assim como o é programar orientado a objetos.

Esta analogia serviu como ponto de partida para mudança de atitudes de forma a melhor compreender os requisitos básicos para se desenvolver uma pesquisa qualitativa.

Assim, amparado pela recomendação de Lakatos & Marconi (1985) de que “O tema é o assunto que se deseja provar ou desenvolver...”, projetei o tema e, passo a passo, o problema de pesquisa foi se delineando de forma natural. Impressionantemente, conforme previu González Rey (2002:72), o problema inicial foi evoluindo. Se expandiu naturalmente, visto que “... não representa uma entidade concreta coisificada, mas um momento na reflexão do pesquisador...”. Assim, de repente, me deparei com outros problemas de pesquisa diversificados orbitando sobre o núcleo central da pesquisa, a saúde mental.

Inicialmente, o problema de pesquisa foi definido como “Os impactos do trabalho sobre a saúde mental”. À medida que a pesquisa ia-se desenvolvendo, os indicadores sugeriam outro problema: “Os impactos das representações sociais sobre a saúde mental do trabalhador”. Em seguida, me dei conta de que estava diante de mais um problema “Os impactos das instituições sociais na saúde mental”. Provavelmente, tendo em vista esta expansão natural, mais problemas de pesquisa poderiam surgir à medida em que indicadores, extraídos do discurso do participante, sugerissem novos enfoques para a pesquisa. O único

fator praticamente imutável é o tema central desta pesquisa é “A saúde mental do sujeito”, expressão que, indiscutivelmente, terá forte influência no título deste estudo.

Buscava-se, desde o início, delimitar o problema de pesquisa à influência do contexto laboral na saúde mental do trabalhador. Para tanto, tentava-se extrair informações do discurso do participante acerca das problemas ou das dificuldades encontradas no desenvolvimento de suas atividades cotidianas que, direta ou indiretamente, repercutiam em sua saúde mental. Objetivava-se, assim, diagnosticar problemas psicossomáticos ou transtornos de humor. Contudo, à medida em que as informações eram interpretadas, novos indicadores possibilitavam a expansão natural do tema e, indiscutivelmente, novos problemas de pesquisa saltavam aos olhos do pesquisador.

Os indicadores mais freqüentes sugeriram a existência de um problema de pesquisa mais sério e com maiores repercussões na subjetividade do participante. Notou-se forte influência da estrutura familiar sobre a saúde mental do participante convergindo no seu desempenho laboral e, principalmente, em suas relações interpessoais fora do contexto de trabalho.

Mais um problema pôde ser delineado segundo os indicadores extraídos do discurso do participante. As relações parentais em desequilíbrio também demonstraram forte influência na estruturação psíquica do pesquisado. A admiração e orgulho pela mãe, o desapontamento com o comportamento do pai.

Durante a delimitação do problema de pesquisa, a teoria que González Rey (2002:72) sustentou pôde ser vivenciada e constatada pelo pesquisador quando o mesmo afirma que “A pesquisa qualitativa é um processo permanente de produção de conhecimento, em que os resultados são momentos parciais que se integram constantemente com novas perguntas e abrem novos caminhos à produção de conhecimento...”. Vários problemas de pesquisa apresentados, depois do delineamento do primeiro e que foram surgindo à medida em que a pesquisa se desenvolvia, é a legitimação desta teoria.

Um fato, porém, nos chamou a atenção. Todos os problemas de pesquisa acima apontados tinham sempre um ponto em comum: a subjetividade do pesquisado. Destarte, todos foram “colocados sobre a mesa” e pude perceber que, na verdade, não se tratava de problemas de pesquisa, mas de fortes indicadores de pesquisa que, juntos, de forma interrelacionada, convergiam para um único problema: **a importância da estrutura familiar na estruturação e na organização da subjetividade.**

5. Metodologia

Nas primeiras aulas de Psicologia da Personalidade, disciplina do 6º semestre, ministrada de Fevereiro a Junho/2003), as explicações sobre a estruturação do aparelho psíquico proposto por Sigmund Freud, resultaram numa concatenação de idéias acerca da flagrante vulnerabilidade da saúde mental. Ora, é possível que a qualidade saúde mental dependa da obediência aos preceitos de processos padrão que, teoricamente, desconSIDERAM a natureza subjetiva do ser humano?

Se compreendi corretamente, os conflitos psíquicos gerados pela não satisfação de determinados desejos constituem proibições que bloqueiam as pulsões biológicas e/ou psicológicas e, direta ou indiretamente, interferem na saúde física e na mental. Assim, isto é o que a teoria psicanalítica sustenta. Contudo, na perspectiva da subjetividade, este estudo considerará a saúde mental como um produto dos modelos sócio-culturais impostos pela ordem moral da sociedade. Cada homem, sob meu ponto de vista, é portador de um sentido subjetivo social culturalmente produzido, independentemente das conclusões defendidas pelos teóricos, pois o comportamento humano depende do sentido subjetivo que cada pessoa atribui a um

Desde então, passei a observar e formular hipóteses todas as vezes em que o comportamento de um trabalhador sugeria a influência de algum fator social. Na mesma direção, também formulava todas as vezes em que estava interagindo em família ou participando, como visitante, do círculo familiar de outra pessoa, quando percebia que algum ente se comportava de maneira não costumeira. Assim como, nas demais relações sociais.

Subjetivamente formuladas, todas estas hipóteses, me direcionaram a pesquisar os impactos das representações sociais sobre a saúde mental e vice-versa.

5.1. A pesquisa qualitativa

Ao constatar que os processos pessoais, integrados com os processos simbólicos típicos das experiências humanas por mim antes conhecidos como o conjunto de valores subjetivos que constituem o modo de um indivíduo perceber o mundo, foram pesquisados e definidos, por González Rey (2003), como o “sentido subjetivo”, decidi que o melhor caminho para desenvolver minha proposta de trabalho era adotar a perspectiva

subjetiva, com ênfase nos aspectos sócio-histórico-culturais e, lançando mão da pesquisa qualitativa.

Assim, me dei conta de que os resultados obtidos com a pesquisa qualitativa extrapolariam as restritas discussões oferecidas pela quantitativa baseadas em informações estatisticamente quantificadas, isto é, dados e números. Em que pese sua relevância, não será utilizada para obtenção do produto deste estudo.

Por sua vez, a pesquisa qualitativa pode (e deve) ser utilizada quando o pesquisador deseja entender (não justificar) o comportamento de um determinado indivíduo ou o porquê de alguma coisa acontecer.

No marketing empresarial, costuma-se utilizar a pesquisa qualitativa quando se deseja entender a “lógica da compra”, ou seja, quais as motivações que levam um consumidor a adquirir um produto específico (ETHOS, 2002). Nas pesquisas psicológicas (natureza deste estudo), González Rey (2002:28) propõe o emprego da epistemologia qualitativa para satisfação das exigências do estudo da subjetividade “como parte constitutiva do indivíduo e das diferentes formas de organização social.”. Sustenta ainda que a construção do conhecimento é qualitativa quando há “... um esforço na busca de formas diferentes de produção de conhecimento em psicologia que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana.”.

Assim posto, resta, ainda, a necessidade de se oferecer uma clara definição do porquê do emprego da pesquisa qualitativa para desenvolvimento e conclusão deste estudo. Conforme epigrafado, González Rey propõe este método de pesquisa quando se deseja estudar a subjetividade do indivíduo em suas diversas formas de organização social. No meu entendimento, subjetividade era o conjunto de valores e atos constitutivos do indivíduo que o fazem perceber o mundo de uma forma peculiar. Esta forma de entender, carente de especificação empírica, foi dramaticamente alterada (por que não dizer destruída e reconstruída?) após o supracitado autor sustentar em seu trabalho Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios (2002):

A subjetividade individual se constitui em um indivíduo que atua como sujeito graças à sua condição subjetiva. O sujeito é histórico, uma vez que sua constituição subjetiva atual representa a síntese subjetivada de sua história pessoal, e é social, porque sua vida se desenvolve na sociedade, e nela produz novos sentidos e significações que, ao constituir-se subjetivamente, se convertem em constituintes de novos momentos de seu desenvolvimento subjetivo. Por sua vez, suas ações na vida social constituem um dos elementos essenciais das transformações da subjetividade social.

Em sua condição social, o indivíduo é parte de sistemas de relações constituídos nos sistemas de significação e sentido subjetivo que caracterizam a subjetividade social...

Nesta perspectiva, os meios utilizados para que as representações sociais (relações interpessoais e contexto de trabalho) interfiram na saúde mental (e vice-versa) serão estudados conforme as formas peculiares em que ocorrem nos grupos sociais (família, trabalho, amizades, relações afetiva (amor e sexo), educação, religião e outros). Toda esta configuração e suas influências nos comportamentos da pessoa no pleno exercício de suas relações interpessoais serão estudadas com o emprego da epistemologia qualitativa desenvolvida e proposta por González Rey que, no trabalho anteriormente citado (p. 31-36), sustentou possuir três princípios “de importantes conseqüências metodológicas”:

1) **O conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa**: este princípio pressupõe que o conhecimento não é construído somando-se as conclusões imediatas durante a pesquisa, tampouco tomando-as de formas isoladas. É o produto do processo de interpretações dos diversos indicadores obtidos ao longo da realização da pesquisa, que dá sentido às diferentes manifestações do sujeito pesquisado. Também a subjetividade do pesquisador é devidamente valorizada, devendo a pesquisa não se resumir à coleta de dados. A teoria, neste princípio, ocupa lugar de “... instrumento a serviço do pesquisador em todo o processo interpretativo...”. Constitui, portanto, segundo o autor, um dos sentidos do processo de produção teórica, não o esquema geral ao qual se deve subordinar esse processo.

2) **Caráter interativo do processo de produção do conhecimento**: este princípio enfatiza as relações entre o pesquisador e o sujeito pesquisado. Depreende-se que essas relações compreendem a condição para que a pesquisa se desenvolva de forma interativa, “essencial no processo de produção de conhecimentos”. Este princípio ressalta, também, a relevância do contexto pesquisado.

3) **Significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento**: por questão de clareza, singularidade não significa individualidade, significa, sim, a realidade distinta na história da constituição subjetiva do sujeito pesquisado. Singularidade é, pois, a identificação única do sujeito.

Isto posto, neste estudo, o primeiro princípio forneceu meios de compreensão da importância e valorização da subjetividade do pesquisador e do sujeito pesquisado. Também possibilitou a correta categorização da teoria que, colocada em plano secundário, permitiu que o pesquisador construísse suas hipóteses no decorrer da pesquisa fornecendo-lhe os meios de interpretação das informações produzidas.

O segundo princípio, neste trabalho, orientou o pesquisador na manutenção da interatividade com o sujeito pesquisado. Permitiu, contudo, fato bastante motivador, discutir a posição do pesquisador diante das expressões do sujeito pesquisado.

Por meio desta orientação, participam, em igual importância, pesquisador e pesquisado e, assim, produz-se informações de qualidade superior.

O terceiro e último eliminou o intermitente receio de que o número de sujeitos pesquisador tivesse importância determinante na qualidade dos resultados desta pesquisa. Pelo contrário, legitimou que a qualidade não depende da quantidade já que, conforme sustenta González Rey, “A importância expressa por um sujeito concreto pode converter-se em um aspecto significativo para a produção de conhecimento, sem que tenha de repetir-se necessariamente em outros sujeitos”.

E assim posto, pode-se constatar que os três princípios gerais da epistemologia qualitativa proposta por González Rey nos levam a produzir conhecimento de várias formas possíveis.

5.3. O cenário da pesquisa

O cenário em que foi realizada a pesquisa foi, à medida em que o estudo ia se desenvolvendo, se constituindo em partes.

Inicialmente, o cenário foi o contexto laboral. Os indicadores extraídos nesse contexto, direcionaram pesquisador e pesquisado para o contexto familiar e expandiu-se, espontaneamente, para outros grupos sociais, finalmente consistindo em um verdadeiro trabalho de campo.

Nesta pesquisa, o trabalho de campo, ficou relacionado com a pesquisa em grupos de pessoas, sendo o sujeito pesquisado e sua subjetividade, o centro. Todo este aparato possibilitou formar uma rede de comunicação que, conforme pressupõe González Rey (2002:95), permitiu que fossem acumuladas valiosas informações cujas interpretações forneceram invaloráveis indicadores sobre a história de vida, realidade e subjetividade sujeito pesquisado.

Este cenário exigiu constante presença do pesquisador e do sujeito pesquisado, em equilibrada interação culminando com a permanente e crescente produção de idéias.

5.4. Construção dos instrumentos de pesquisa

Uma das questões consideradas na decisão da escolha do melhor instrumento para esta pesquisa, foi discutir alternativas que evitassem o uso dos instrumentos como um fim em si mesmo já que a preocupação metodológica é a qualidade das interações entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, principal fator na produção de informações qualitativas que incitem uma discussão participativa acerca do tema saúde mental.

Como citado anteriormente, os princípios básicos da epistemologia qualitativa orientam no sentido de que o pesquisador não deve produzir seu conhecimento com base nas constatações imediatas no decorrer da pesquisa. Era necessário um instrumento que oferecesse a possibilidade de integrar os três princípios num único objetivo: produzir conhecimento científico com qualidade, resultado da convalidação das hipóteses construídas com a participação pró-ativa do pesquisado e, com igual valor, do pesquisador.

Outras questões foram, com a mesma relevância, consideradas. Que tipo de orientação dever-se-ia aplicar? Um instrumento dirigido seria aplicável de forma satisfatória? Ou partir-se-ia para a aplicação de um instrumento interativo? Obviamente, qualquer que fosse a orientação, é certo que a sugestão de González Rey (2002:80) é deveras oportuna. Em consonância com o segundo princípio da epistemologia qualitativa, o instrumento deve ser uma ferramenta de trabalho que interaja com o sujeito pesquisado. Isto fará com que este último participe de forma pró-ativa e aberta, expressando, assim, todas as suas idéias, conceitos, valores e significados.

Partindo do pressuposto da importância do papel da comunicação na pesquisa psicológica, extremamente exigida e assegurada pelo segundo princípio da epistemologia qualitativa. Tamara Dembo, citada por González Rey (2002:53) sugere que a necessidade de se estudar, analisar e melhorar as condições da comunicação é a melhor tarefa da pesquisa qualitativa.

Finalmente, analisadas todas as considerações epigrafadas, conclui que a comunicação é o principal fator que deve, firmemente, ser considerado na escolha do melhor instrumento de pesquisa. Assim considerando, inevitavelmente, foi necessário recorrer ao que o Dr. Fernando Rey (p.59) sustenta quando a questão se resume ao processo de comunicação entre pesquisador e pesquisado:

Os diálogos e as reflexões que se sucedem desde o primeiro dia são os elementos essenciais para o desenvolvimento da identificação dos sujeitos com a pesquisa, o qual os leva a tomar iniciativas não contempladas pelo próprio pesquisador.

Galgando vagarosamente os passos necessários para que os instrumentos de pesquisa fossem definidos de modo que a sua criação, aplicação e, principalmente, a interpretação das informações por eles fornecidas respeitassem a complexidade do ser humano, via de mão única que leva ao âmago da discussão do sentido subjetivo do pesquisado. Compreendi, portanto, que era veementemente necessário não incorrer no erro de restringir a realidade social do pesquisado às observações e quantificações decorrentes.

Finalmente, observadas todas as peculiaridades requeridas pela pesquisa qualitativa e os preceitos dos princípios da epistemologia qualitativa, lancei mão dos seguintes instrumentos de pesquisa:

5.4.1. Entrevista

Este instrumento é utilizado em larga escala em pesquisas científicas, sociais, ou para seleção de candidatos. Minayo (1994:108) e (1998:57), defende que trata-se de um instrumento privilegiado na produção de informações de caráter social.

Barros (2005), em seu trabalho “Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação”, assim apresenta a entrevista:

A entrevista em profundidade busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. Desta maneira, como analisa Demo (2001, p.10), os dados em pesquisa qualitativa não são apenas colhidos, mas resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade. Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilita ainda identificar problemas, micro-interações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada. A maior diversidade e complexidade das informações colhidas torna mais difícil apresentar soluções objetivas, mas geralmente resulta em maior aprendizagem com o processo de pesquisa.

Assim, conforme já descrevi antes, considerando o enfoque histórico-sócio-cultural desta pesquisa, as informações serão produzidas de acordo com a percepção de realidade, sistema de valores e simbólicos do participante, contidos no seu discurso. Por meio deste instrumento, conforme sugerem ambos os autores, (Minayo e Barros), busquei permitir que o sujeito pesquisado discorresse sobre o tema a ele proposto quando da apresentação dos objetivos desta pesquisa.

Dos tipos de entrevistas usados em pesquisas empíricas, lancei mão da entrevista aberta, não estruturada, valorizando o núcleo temático central e a imprevisibilidade das respostas do pesquisado.

Com o consentimento do participante, a entrevista foi gravada para as finalidades ao mesmo expostas no início.

Sob a luz textual de González Rey (2002:87), houve o fortalecimento do emprego deste instrumento, pois o referido autor sustentou que “A conversação espontânea em que cresce a intimidade entre os sujeitos participantes cria uma atmosfera natural, humanizada, que estimula a participação e leva a uma teia de relação que se aproxima à trama das relações em que o sujeito se expressa em sua vida cotidiana.”.

O fato do pesquisador já haver trabalhado com o pesquisado, assim conhecedor de seus comportamentos laborais e, também, participado do seu convívio familiar em algumas ocasiões, o tornou conhecedor de seus comportamentos familiares e sociais, facilitou o emprego deste instrumento com confiabilidade adequada.

Por fim, vale ressaltar a importância de se distinguir a entrevista de um outro instrumento utilizado nesta pesquisa, a conversação ou diálogo. Apesar de ambos serem apresentados com a mesma natureza aberta (favorecendo a interatividade pesquisador-pesquisado) e, também, a entrevista ter “...sempre o propósito de converter-se em diálogo, em cujo curso as informações aparecem na complexa trama em que o sujeito as experimenta...”, diferem no momento da aplicação. A entrevista tem objetivos previamente definidos e, costumeiramente, segue um roteiro pré-determinado, escrito.

5.4.2. Conversação

Formalmente, não foram encontradas referências bibliográficas suficiente que detalhassem este tipo de instrumentação empírica, exceto algumas citações que denunciam sua existência e uso no contexto de pesquisa. Talvez esta dificuldade seja em virtude do grau de informalidade presente e da impossibilidade de se provar as informações advindas de sua aplicação. Entretanto, do texto abaixo, extraído de González Rey (2002:97), o que se pode concluir?

Na pesquisa qualitativa que propomos não existe coleta de dados como tal: o curso da produção de informação é, simultaneamente, um processo de produção de idéias em que toda nova informação adquire sentido para a pesquisa.

A conclusão é que, da conversação, pode-se extrair inúmeras informações, ou melhor, idéias que, seguramente, possibilitarão uma inestimável construção de idéias. Nesta pesquisa, as conversas informais mantidas com o sujeito pesquisado forneceram indicadores

de valor tão importante quanto os indicadores extraídos dos instrumentos formalmente definidos.

Ademais, González Rey (2002:83), implicitamente defende o uso deste instrumento ao criticar a generalizada opção pelos instrumentos escritos. Diz que:

Os instrumentos escritos não representam informações mais legítimas que as obtidas por outras fontes; a informação reportada por eles tem o mesmo status que a procedente de outras informações da pesquisa...

Todas as idéias construídas ao longo das conversas informais foram autorizadas pelo participante, o que legitima toda e qualquer produção de informação baseada nos indicadores resultantes da aplicação deste instrumento.

5.4.3. Complemento de frases

Este instrumento foi aplicado buscando favorecer a produção da informação com o fornecimento de um número indefinido de interpretações dos sentidos subjetivos do sujeito pesquisado.

No momento da aplicação deste instrumento, o feedback demonstrado e explicitado pelo sujeito pesquisado corroborou a recomendação de González Rey (2002:80) acerca da necessidade de se estabelecer, primeiramente, uma relação amistosa com o participante de modo que este se sinta seguro e motivado ante uma situação que irá lhe gerar diversos estados emocionais.

Este instrumento apresentou 68 (sessenta e oito) frases, construídas com o objetivo precípua de extrair indicadores. Ao passo que respondia, o pesquisado apresentava alterações de humor, acompanhadas das respectivas contrações músculo-faciais. Por várias vezes, o participante elogiou o instrumento com frases do tipo:

“

- Está mexendo comigo!

- Estou muito emocionado! Posso escrever gírias? Posso escrever palavras que reflitam minha vontade de explodir?

- Que questionário bacana!

”

As informações extraídas deste instrumento evidenciaram o delicado estado emocional porque passava o sujeito pesquisado no instante em que respondia, estado já

suspeitado pelo pesquisador no momento em que se encontraram para combinar o local mais adequado para realização do procedimento.

Destarte, concluí que os instrumentos de pesquisa utilizados atenderam aos três princípios epistemológicos da pesquisa qualitativa, pois que refletiram o ambiente interativo em que o estudo foi realizado e, ademais, possibilitaram a extração de indicadores consistentes cujas interpretações diferentes abordagens discursivas.

5.4.4. Questionário

O questionário é um instrumento habitualmente utilizado para a coleta de dados. Richardson (1999:189) elenca duas funções do questionário:

- 1) descrever as características;
- 2) medir variáveis específicas de um grupo social.

A pesquisa do autor acima referido é de cunho sociológico e, conforme vai desenvolvendo, nos remete à psicologia quantitativa, natureza diversa da epistemologia proposta neste estudo.

Para o tipo de pesquisa que ora apresento, estas definições sociológicas pouco têm importância, pois era necessário um tipo de questionário que elencasse funções pertinentes com o cenário de pesquisa acima apresentado. Um questionário cujas perguntas e respostas possibilitassem a extração de indicadores qualitativos para uma construção segura de idéias discutíveis em âmbito geral.

Por esta razão, defini um modelo de questionário baseado no modelo proposto por González Rey, utilizando de perguntas abertas, permitindo que o sujeito pesquisado lançasse mão de respostas criativas e sem compromisso com qualquer levantamento estatístico.

5.4.5. Redação

Este instrumento de pesquisa foi definido e criado “na última hora”, visto que os anteriores não surtiam resultados que satisfizessem as expectativas do pesquisador. Durante as entrevistas, o ambiente interativo mostrou facetas da personalidade do pesquisado que indicavam que o mesmo era possuidor de um alto grau de concentração e sinceridade que não eram traduzidas em suas respostas.

O fato do pesquisado se portar de maneira formal e inflexível diante do gravador, produzia respostas formais. Daí pensei em criar um instrumento em que o pesquisado pudesse permitir que sua personalidade culta viesse à tona irrompendo toda sua emocionalidade.

O principal critério para construção deste instrumento foi o modo como as questões deveriam ser apresentadas ao pesquisado e, mais importante ainda, quais as questões que possibilitariam explorar a riqueza de indicadores contidos na subjetividade do mesmo.

Assim, foi decidido que seriam oferecidos temas específicos, mas orientados de forma que o texto a ser redigido favorecesse a expressão das dificuldades anteriormente confessadas pelo pesquisado.

5.5. O sujeito de pesquisa

Conheci o participante desta pesquisa em 17/05/2002, dia em que me foi apresentado como “novo contratado” para trabalhar, sob a minha supervisão, com controle de frequência (comparecimento ao trabalho).

Sujeito do sexo masculino, então com 24 anos de idade, no primeiro dia, demonstrou bastante motivação, equilíbrio emocional e um nível impressionante de tranqüilidade, pré-requisito para trabalhar num setor que, como costume dizer, “é uma divisão de infantaria na frente de batalha” visto que a equipe está sujeita aos impactos “corpo-a-corpo” de empregados que descarregam toda sorte de problemas pessoais ou de decorrentes de relações desgastadas com seus respectivos superiores hierárquicos.

Estava eu sendo substituído nas atividades do atendimento direto com os empregados sujeitos ao controle de frequência porque, em 4 anos ininterruptos as exercendo, encontrava-me num nível de estresse laboral tal que o surgimento de gastrite duodenal, para um pesquisador não muito atento, não seria surpresa. Curiosamente, passei a observar e relacionar seus comportamentos com as teorias psicológicas ministradas na sala de aula.

No mesmo setor, continuei exercendo as atividades estratégicas necessárias para a manutenção da estrutura do sistema. Por muitas vezes, o participante se declarava surpreso e admirado com minha forma de trabalhar que, segundo ele, era “firme, normativo e orientado”. Assim, dia após dia, foi se livrando da rigidez típica de empregados recém-contratados e passou a demonstrar níveis de confiança e intimidade satisfatórios.

Ao mesmo tempo, fruto de minhas observações subjetivas, fui constatando que o participante, em certas ocasiões, demonstrava alto grau de insegurança, indicador que o tornava vulnerável à sugestão de empregados para registrar justificativas não autorizadas ou que necessitavam da apresentação de documentação comprobatória. Do rol de atividades estratégicas de controle do referido sistema, constava a auditoria, processo onde todos os registros eram criticados e identificados e, conseqüentemente, submetidos à pertinência normativa. Caso um registro indevido fosse identificado, o participante era informalmente repreendido, ocasião em que se retraía bloqueando seu comportamento normal que só aparecia no expediente do dia seguinte. Desde a hora em que fora repreendido, agia com austeridade com todos os empregados que o procuravam para solucionar algum problema em suas respectivas folhas de ponto.

À medida que aumentava seu grau de confiança, as relações interpessoais entre supervisor (pesquisador) e o empregado (sujeito pesquisado) melhoravam em qualidade e intensidade, motivando o participante a contar sua história gradualmente.

Segundo o mesmo, havia decidido abandonar a carreira militar, “muito rígida e disciplinadora”, e estava contente de novamente ser “um civil”. Confessava estar passando por muitas experiências agradáveis e se sentindo “protegido” em seu novo ambiente de trabalho. Com a mesma sinceridade, sustentava estar aprendendo a se comportar alternativamente diante de situações que demandavam seu posicionamento mais firme.

A paciência demonstrada nos primeiros dias de trabalho logo foi dando sinais de desgaste. Uma vez que o participante, como empregado, entendeu a passou a observar, com habitualidade, os preceitos normativos do controle de freqüência. Por conta própria constatou que, em toda abertura mensal do sistema, os mesmos empregados apresentavam os mesmos problemas e que, de igual forma, sempre buscavam formas de induzi-lo ao registro indevido de justificativas não autorizadas ou simplesmente “injustificáveis”.

Não demorou para que estes empregados começassem a verbalizar reclamações acerca do comportamento do participante. Conhecedor de seus comportamentos habituais, as reclamações verbalizadas a mim não eram consideradas e começaram, então, a chegar ao meu superior hierárquico que, por muitas vezes, nos chamava a dar explicações.

Conforme a intensidade das relações interpessoais com o participante aumentava, e este deixava vir à tona características pessoais que demonstravam nível intelectual elevado e habilidades para outras atividades, o recomendei para a área de gestão de folha de pagamento e recolhimento de encargos, valorizando o fato de que o participante,

enquanto “colega de trabalho”, se graduou em Ciências Contábeis pela Universidade de Brasília.

A fim de resguardar sua reputação profissional, percebi que sua remoção deveria ocorrer o mais rápido possível visto que os constantes atritos “da frente de batalha” repercutiam em seu humor diário, com sinais de estresse e comprometimento da concentração. De tanto pressionar o nível gerencial do departamento, a transferência foi autorizada. Ao ser transferido de setor, logo o participante se adaptou às atividades contábeis e, também, à nova equipe de trabalho.

Enquanto trabalhava, o participante participava de cursos e prestava concursos, demonstrando sua freqüente “vontade de vencer”, “de ser o cara”. Por ter sido aprovado num dos concursos prestados e convocado para ocupar cargo de nível superior, em 01/07/2004, pediu demissão. A relação de amizade, apesar de distante e espaçada, se manteve no mesmo nível de franqueza bilateral. Este fato me motivou a convidá-lo para participar desta pesquisa. Sem hesitar, concordou e autorizou a publicação de todas as conversas que foram mantidas durante o desenvolvimento deste estudo.

6. Produção da informação

Nesta pesquisa, de acordo com os princípios da epistemologia qualitativa, a construção do conhecimento prima pelas interpretações construídas ao longo da pesquisa, confirmando a valorização do caráter interativo da pesquisa e, por fim, ressaltando a singularidade enquanto instrumento fomentador de informações sobre a realidade histórico-sócio-cultural do sujeito pesquisado.

A produção científica, a partir desta perspectiva, será construída em momentos, desde o início da pesquisa, até que o último indicador seja extraído do discurso do sujeito pesquisado, ou seja, tentar-se-á buscar e propor discussões sobre os processos constituintes da subjetividade sem, obviamente, efetivar quaisquer conclusões.

O leitor poderá constatar que todo conhecimento produzido nesta pesquisa, de caráter teórico, foi produzido sobre o alicerce da comunicação, desde os diálogos formais e informais resultantes das relações pesquisador-pesquisado, do sentido interativo dos instrumentos de pesquisa anteriormente definidos até as reflexões sucedidas desde o primeiro dia. Todos estes elementos, atuando em conjunto e simultaneamente, foram essenciais para a

identificação dos sujeitos envolvidos com a pesquisa (pesquisador-pesquisado), determinando o cenário interativo-cooperativo em que os trabalhos foram desenvolvidos.

Todo conhecimento produzido nesta pesquisa foi produzido com base nas idéias e reflexões surgidos durante o decorrer dos trabalhos, uma vez que essas idéias passaram “... a ter valor não por sua procedência, mas pelo lugar que ocupam e pela capacidade geradora...” (GONZÁLEZ REY, 2002:102). Assim, constituíram o sentido subjetivo das reflexões e das ações do sujeito pesquisado, definindo os indicadores qualitativos sobre um determinado tema, doravante denominado núcleo temático. Estes indicadores, sim, são cruciais para a produção do conhecimento.

González Rey (2002:112) bem define que um indicador refletirá, sempre, um momento da pesquisa, considerando a existência de indicadores anteriores, valorizando-os de tal forma que poderão, integrados, conduzir o pesquisador a um novo problema ou a necessidade de se definir novos instrumentos. Particularmente, considero que os aspectos constitutivos de cada indicador e a possível integração com outros poderão exigir uma nova perspectiva de abordagem do problema e, também, a reconfiguração dos instrumentos utilizados sem, necessariamente, pressupor um novo problema ou um novo instrumento.

Em seu trabalho *Análise do Conteúdo*, Franco (2003:43) sustenta que a organização das informações que precede a definição das categorias é considerada uma ‘pré-análise’ e sugere três procedimentos:

.. a escolha dos documentos a serem submetidos à análise; a formulação das hipóteses e/ou objetivos; e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

Neste trabalho, a autora sugere que os indicadores sejam construídos em função das hipóteses ou “... pode até ser que as hipóteses venham a ser construídas em função da identificação de certos indicadores.”.

Todavia, mais adiante a autora mistura as propriedades qualitativas dos indicadores sustentando que os mesmos refletem “a frequência observada acerca do tema” (p.49) sugerindo ao pesquisador recorrer “... a uma análise quantitativa sistemática para que seja possível identificar a frequência relativa ou absoluta do tema escolhido e a proporcionalidade de sua menção em relação a outros temas igualmente presentes”. Aqui, considero a impertinência de utilização dos critérios da autora para formulação dos indicadores visto que, em seu contexto, depreendo terem função meramente quantitativa. Em nossa pesquisa, os indicadores serão “elementos que adquirem significação graças à interpretação do pesquisador...” (GONZÁLEZ REY, 2002:112). Em que pese sua significação para a pesquisa social, expressada no trabalho de Franco, nesta pesquisa os indicadores serão

construídos não sobre a quantidade de vezes que uma determinada questão é repetida no discurso do pesquisado, o que o desvincula de outros já existentes ou outros que os sucedam ao longo da pesquisa.

6.1. Os indicadores de pesquisa

Para González Rey (2002:114), os indicadores adquirem nível de categorias facilitadoras do “... seguimento dos complexos processos que caracterizam qualquer pesquisa contextualizada no estudo da subjetividade humana.”, resultado do processo de construção do conhecimento, não apenas meras referências, com “finalidade explicativa, não descritiva...”.

Categorizei os indicadores extraídos dos discursos do pesquisado de acordo com a prioridade dos elementos na organização da subjetividade. Defini esta prioridade depois de refletir sobre onde seria o início do processo de estruturação da subjetividade, onde o elemento principal foi a estrutura familiar, com especial enfoque na forma como os pais exerceram seus respectivos papéis (e, também, como deixaram de exercer). Em seguida, os indicadores que refletem o nível de auto-estima do pesquisado e a estrutura emocional que impactua, diretamente, no nível de sua afetividade (e da falta desta). Por fim, os indicadores que sugerem comprometimento da saúde física.

6.1.1. A estrutura familiar

As primeiras entrevistas com o pesquisado ocorreram algumas horas antes de nosso comparecimento a uma comemoração familiar (“chá de bebê”) promovida por um amigo em comum. Como o pesquisado não possui automóvel, fui buscá-lo na cidade em que reside.

Já no momento em que adentrou no carro, após os cumprimentos fraternais de satisfação no reencontro, percebi que o pesquisado demonstrava estar com os ânimos acirrados. Na dúvida se deveria ou não perguntar a razão, optei por arriscar “Impressão minha ou você tá nervoso?”. A resposta, hostil, me deixou animado porque evidenciava o sucesso do nosso primeiro encontro. Contudo, uma senti rápida sensação de tristeza enquanto dirigia, pois a resposta dele refletia que se passava por um sofrimento originado de uma discussão em família. “É o meu pai. Na segunda-feira, eu vou tirar minha mãe daquela casa e ele pode vendê-la e enfiar o dinheiro...”. Foi a primeira evidência de que a subjetividade do pesquisado

sofria influências, não do trabalho como antes propus, mas da instituição familiar que, conforme detalhado no Capítulo 3.4, desempenha o mais fundamental papel no processo de desenvolvimento da personalidade.

No processo de transformação dos indicadores em idéias discutíveis, pudemos comprovar as idéias propostas por González Rey (2004:30) a respeito do caráter indispensável do papel da família para a formação dos sentimentos da criança já nos primeiros anos de vida. Abstraímos, portanto, que o nosso pesquisado indica, de formas diferenciadas, que sua infância foi vivida com extrema dificuldade, agravadas com a falta de afeto, o que lhe rendeu muitas frustrações.

A respeito disso, disso González Rey (2004:30) sustenta:

A falta de afeto, a agressão e a indiferença, bem como a comunicação de duplo vínculo e outras deformações dos relacionamentos humanos são extremamente prejudiciais para o desenvolvimento afetivo da criança. Tudo isso pode gerar agressividade, timidez e múltiplos transtornos para o comportamento infantil.

Na aplicação do instrumento “Complemento de frases”, o pesquisado demonstrou tais frustrações, às vezes de forma agressiva. “Deveria ser bom, mas não é”, “É um lixo!” (Anexo VII, Complemento de frases: 49).

No outro extremo, possivelmente fruto de sua admirada resistência às essas frustrações, demonstrava antagonismo quando lhe foi perguntado qual o momento em que sentia mais feliz. “Quanto estou com minha família” (Anexo VII, Complemento de frases: 2).

Alguns indicadores sugerem que o pesquisado compreende a influência da estrutura de sua família na forma como o mesmo se comporta diante de fatos e pessoas. “Eu morando em Ceilândia, vindo de uma família altamente desestruturada, com baixa-estima” (Anexo III, parágrafo 9). Como esta afirmação foi feita quando o pesquisado se referia à “... maior vitória de minha vida até então...”, quando conseguiu ser aprovado num concurso vestibular, aonde o candidato tem de dar o máximo de si para provar que é, dentre muitos, o melhor. Esta afirmação leva o pesquisador diretamente à formulação de uma hipótese curiosa. Seria a estrutura familiar um fator determinante nas vitórias individuais das pessoas?

Estes indicadores fornecem dados interessantes sobre a percepção que o sujeito pesquisado tem de sua família. Ora sob uma ótica negativa, ora como um fator de felicidade.

No contexto histórico-sócio-cultural, a família é a base sobre a qual é construída a identidade humana e os aspectos básicos da subjetividade do indivíduo.

Na família, todos os membros mantêm relações de interdependência, vivendo ou não juntos. Assim como num sistema existe o vínculo entre as partes, na família existe o compromisso entre seus membros do respeito mútuo e do as funções familiares de cada um, buscando unicidade, preservação e proteção. Todos usufruem dos resultados positivos de se viver equilibradamente em família ou dos resultados negativos de se viver em desarmonia familiar.

Os conflitos familiares evidenciados no discurso do sujeito participante são causa de distanciamento. O próprio sujeito admite que, em vez disso, deveria ter a função de fazer com fosse percebida a importância vital da estrutura familiar equilibrada que, num determinado ponto, encerra nela mesma uma solução para os problemas familiares comuns e, sob certas circunstâncias, dos problemas familiares individuais.

A estrutura familiar é, assim, responsável direta pela formação e desenvolvimento da identidade de seus membros e, assim como estes, desenvolve-se em vários estágios (nascimento, crescimento e morte). Em cada um dos estágios, há uma relação recíproca objetivando provocar mudanças nos seus componentes de forma que estes atinjam a maturação. Favorece o desenvolvimento da individualidade de seus participantes. Nela, os membros estruturam suas relações e definem, os papéis individuais e coletivos não apenas para resolução de conflitos naturais, mas, sobretudo, para fortalecer cada um na busca acirrada pela sobrevivência e inserção social.

Para cada um dos familiares (adultos e crianças), é muito importante sentir que pertence a uma família, dentro da qual é amado e valorizado. O conceito de si mesmo vem do que a família aponta. Na família, aprende-se a vivência saudável, a percepção individual de seres únicos e exclusivos, possuidores de identidade própria, separados e com identidade própria.

Sob este prisma, entendo que, dos indicadores extraídos nos instrumentos de pesquisa, este é o primeiro e, dele, resultam todos os outros. Juntos, todos os indicadores formam um círculo em constante inter-relação.

Assim, percebo o quanto o repertório comportamental do pesquisado é influenciado por conflitos familiares que, resumindo de acordo com os indicadores, sugerem ser quase que totalmente causados pelos comportamentos do pai.

6.1.2. As relações parentais

Com o pai

Neste tópico, não pretendo transformar a produção da informação em mais um compêndio de cunho psicanalítico ou voltado para alguma outra teoria psicológica positivista.

Muito pelo contrário, proponho uma consideração de natureza teoricamente subjetiva, na qual abordo não as questões referentes às possíveis falhas da psicopatológica “metáfora paterna”, mas questões fundamentais que possam conduzir à compreensão da estreita ligação que existe entre a presença física e afetiva do pai com a forma como a pessoa, desde a infância, organiza sua subjetividade.

Historicamente, no contexto sócio-cultural, o pai é considerado o “modelo” imitado pela criança. Junto com a mãe e irmãos (relações familiares de primeiro grau), integra a estrutura familiar fundamental que contribui com o desenvolvimento psicossocial da criança. Por excelência, o pai é o intercâmbio emocional e da elaboração dos complexos emocionais.

Com o pai, a criança aprende como enfrentar desafios. O pai têm forte influência no sentido de fornecer apoio, compreensão e, indiretamente, ensinar, à criança, principalmente a do sexo masculino, que existe um mundo social exterior à família no qual ela deverá participar e se posicionar com firmeza e segurança. Às vezes, nem o próprio pai tem consciência deste papel, o que pode fornecer indicadores que permitam discutir a intensidade com que muitos se afastam dos filhos ou deixam de exercer seu papel de “professor” relegando o aprendizado da criança apenas à mãe ou, em algumas situações, a irmãos ou o que é pior, a pessoas que não pertencem ao círculo familiar dentro do qual a criança se sente pertencida.

Nos entrevistas e redações do pesquisado, vários indicadores sugerem comprometimento da relação PAI ⇔ FILHO. O primeiro deles foi a ausência de completar a frase a respeito do pai (Anexo VII - Complemento de frases: 55) e expressar sua frustração com o mesmo (Anexo VII - Complemento de frases: 27). Esses indicadores iniciais possibilitaram presumir que a baixa qualidade nesta relação a causa direta das dificuldades hoje encontradas com relação a sentir-se seguro diante de situações sociais, das quais sobressaltam a baixa auto-estima, o temor com a opinião alheia e pouca afetividade.

“Vim de uma família muito humilde, minha mãe decidiu vir para Brasília em virtude da família do meu pai detestá-la.” (Anexo III - Entrevista, parágrafo 2). Esta declaração sugere o início dos comportamentos de ressentimento pelo comportamento não apenas do pai, mas também da família deste com relação à sua mãe. É indiscutível que a relação MÃE ⇔ FILHO costuma ser, no início, mais forte do que a relação do PAI ⇔ FILHO. Os detalhes desta força poderão ser vislumbrados mais adiante. Tendo em vista isso, é perfeitamente compreensível que o pesquisado tome partido de sua mãe em contrapartida aos maus tratos sofridos pela mesma.

Esta discussão vai se aprofundando à medida em que o pesquisado discursa sempre em favor da mãe e, sempre, demonstrando comportamento arredio com relação ao pai. A este respeito, note-se esta afirmação.

“Apesar de toda a pobreza material tive uma infância muito boa. Em virtude do esforço de minha mãe, estudei numa excelente escola e sai do primário sabendo ler muito, isso tinha eu 6 anos de idade. Quando tinha cinco anos meu pai foi trabalhar no Iraque, na época da Guerra Irã e Iraque, isso foi em 1983. Desde lá ele nunca foi o mesmo, poderei comentar isso melhor adiante.” (Anexo III, parágrafo 3)

Desta declaração, extrai um indicador interessante. O pesquisado inicia um processo inconsciente de abandono do modelo do pai como exemplo de vida e aproxima-se, cada vez mais e com maior intensidade, de sua mãe, tomando-a como modelo social.

Na expressão seguinte, o pai reforça seu comportamento nômade, mudando de cidade em cidade sem, ao menos, dar tempo para que o pesquisado pudesse se adaptar. Este fato possivelmente reforça a confusão mental do pesquisado e surgem os primeiros sintomas de desmotivação com relação aos estudos.

“Aos 7 mudamos para o interior de Goiás em virtude de trabalho do meu pai. Foi legal demais, pertinho da Chapada, muito contato com a natureza, um sonho. Meu pai cismou em ir para Mato Grosso, a cidade que a [...] e a [...] vivem hoje. Bem, foi o primeiro momento de desavença entre nós. Voltamos a Brasília, meu pai ficou só três meses, ficou sem trabalhar, tive que ir para uma escola muito ruim, ficava desestimulado com meus colegas, ao passo que não gostava nenhum pouco do tipo de infância que tinha. O que amenizou a frustração foi o Judô e a Natação.” (Anexo III, parágrafo 4)

Parece que o comportamento nômade do pai vai sendo entendido pelo pesquisado como um fator negativo, confuso, incoerente. No momento em que se adaptava e

começava a gostar de algum ambiente, eis que o pai age novamente retirando-lhe todas as percepções que poderiam dar-lhe satisfação. Constatei, também, nesta declaração, o início das vias criativas do pesquisado para minimizar as frustrações que, aos 7 anos já sentia com relação ao comportamento paterno. Torna o esporte individual sua principal forma de dissolução das sensações negativas, de resistir à falta de cumplicidade com o pai.

O trecho a seguir reforça esta sugestão:

“Quando tinha 14 anos ocorreu um milagre em minha vida. Conheci o atletismo, ganhei muitas medalhas, mas era muito sofrido pois não tinha material adequado. Cansei de ganhar medalha correndo descalço, indo atrás de patrocínio, enfim, país de terceiro mundo é assim mesmo, não é, mas amava e amo o atletismo. “ (Anexo III, parágrafo 6).

Deduzo que, como o pesquisado não encontrou no pai um modelo de sociabilização, um trabalho em equipe, encontrou nos esportes individuais a auto-afirmação. Uma tentativa de melhorar sua auto-estima, mal construída ao longo das frustrações experienciadas. Poder-se-ia, também, pressupor que esta via criativa seja uma forma de dizer ao pai “Olha, mesmo você não se importando, eu consigo”.

Para confirmar a idéia do uso esporte individual como “válvula de escape” e recompensa, me lembrei de uma observação curiosa que fiz a respeito do pesquisado anos atrás. Certa vez, disputávamos, no mesmo time, o campeonato de futebol society promovido pela empresa na qual trabalhávamos. Eu confiava no pesquisado, pois seu corpo truculento impunha certo temor nos adversários. Mas o mesmo não acontecia com os demais jogadores do time que se viam preocupados porque, em certas ocasiões, o pesquisado dominava a bola e corria de encontro ao adversário sem uma estratégia de ataque ou lembrar que fazia parte de uma equipe. No meio esportivo, esse comportamento egoísta é conhecido como “fominhagem” e, quase sempre, traz problemas para a equipe porque é grande a possibilidade do time tomar a posse da bola e contra-atacar com reais chances de marcar gol.

Quando acontecia de perder a posse da bola, o pesquisado não se cansava de pedir desculpas ao resto do time. Quando, pelo contrário, conseguia, aos trancos e barrancos, chutar, mesmo não conseguindo marcar o gol, olhava para cada um dos jogadores do time em busca de reconhecimento pela atitude que considerava correta. Em raras ocasiões, percebia o tamanho da estupidez porque, o esporte coletivo, assim como na família, é preciso planejar as ações equilibradamente de modo que o objetivo seja alcançado com o esforço de todos.

Retomando a questão, considerando que a relação entre pai e filho é uma via primária de duas mãos, recíproca, também extraímos indicadores que sugerem que o pai apresenta comportamentos contraditórios e, às vezes, parece buscar a admiração que não teve do filho. Não conseguindo, extravasa sua frustração com comportamento irascível e busca controlar, com autoridade comprometida e distorcida, a situação familiar:

2. sempre alegou comida; sempre quis vender a porcaria dessa casa para torrar o dinheiro com cachaça e vir atrás de mim e da minha mãe,
3. sempre chamou e chama a minha mãe de puta, rapariga,...
4. inúmeras vezes, inclusive esse ano me chamou de homossexual, drogado; mas foi uma pessoa incapaz de me dar um conselho sobre sexualidade, comportamento, ética, honestidade, perspectiva profissional, e ele sabe muito bem disso, inclusive por eu agora deixar isso bem nítido. Um dia um amigo dele falou para ele ter vergonha na cara e parar com isso, eles não estão conversando direito desde então; (Anexo IV)

Além daqueles significados, estes, também, são indicadores do mau exemplo do pai que sugerem conseqüências na construção subjetiva das representações sociais com influências diretas e indiretas no repertório comportamental do pesquisado. Afetam, por sua vez, as relações afetivas com o sexo oposto e a superficialidade das demais relações sociais, tirando-lhe a espontaneidade. Por muitas vezes, mesmo não o desejando, o pesquisado imitou o pai quando confessou ter tido problemas com álcool, resolvidos quando, em momentos informais, reconheceu ter medo de repetir o mesmo modelo de pai:

7. na minha formatura na Força Aérea foi bêbado, parecia um espantalho;
8. na minha formatura da graduação ele quis dar espetáculo. A minha outra convidada perguntou porque eu me sujeitava a isso: simplesmente nunca mais ela vai a um evento comigo.
9. bebe demais, e sempre abri mão do meu tempo tentando ajudá-lo: já fui em terreiro de macumba, entrei para uma religião que não me completava, igreja evangélica, Igreja Universal do Reino de Deus, Alcoólicos Anônimos, clínica psiquiátrica, mas ele não tem força, digo, é tudo muito cômodo para ele, então fala sério: VAI SE LASCAR PRÁ LÁ pois eu já paguei mico demais tentando ajudá-lo. (Anexo IV)

Entendo que, com base nos indicadores acima, os quais explicitam que as expectativas em relação ao seu pai foram por este frustradas, o pesquisado busca todas as formas ao seu alcance de resgatar a identidade do pai e, quem sabe, possa recuperar o tempo que ambos perderam. Todavia, não obtendo êxito em sua empreitada, demonstra desânimo e

extravasa sua fúria ressuscitando ressentimentos em relação aos comportamentos do pai. A partir deste ponto, assume o papel de pai autoritário e, por sua vez, o pai assume o papel de filho rebelde.

Minha forte tendência é considerar que, das influências familiares, as dificuldades nas relações com o pai ocupam lugar de destaque, sem prejuízo das outras relações todas com suas respectivas parcelas de contribuição. Num resumo geral desta relação, o pesquisado demonstra perceber o pai como ausente, motivo de sentimentos negativos e arrependimentos (Anexo VII, Complemento de frases: 27).

Por fim, em virtude desta ausência, o pesquisado assume o papel de pai líder da família assumindo, junto com a mãe, as questões financeiras da família.

10. eu e minha mãe trabalhamos, ele não tem mais nenhuma despesa em casa, não dá sossego, quebra as coisas em casa, o problema que minha mãe sei lá, não tem coragem de separar dele, mas isso é problema deles sabe que eu já gastei mais tempo tentando ajudar esse casamento de merda do que fazendo algo útil para a minha vida. Sou cristão, mas não sou otário. (Anexo VI)

Historicamente, o papel de provedor da família sempre foi, por força da cultura humana, delegado ao pai. Ao perder este papel, inconscientemente o pai do pesquisado demonstra mais assumir e desempenhar o papel de filho rebelde cujo maior prazer é causar transtornos para aqueles que julga serem culpados por sua situação. Por sua vez, o pesquisado, sem se dar conta, também demonstra que vai deixando de desempenhar integralmente seu papel de filho e passa, também com o apoio inconsciente da mãe, a assumir o papel de líder da família, antes delegado ao pai já desde muito cedo.

Como conseqüência, o pesquisado, conforme os indicadores que podem ser extraídos do discurso abaixo, relegou a segundo plano seus sonhos de infância acompanhados da satisfação de suas necessidades enquanto filho.

5. Até os 13 fiquei nesse reme até um monte de coisas difíceis ocorrem lá em casa. Daí comecei me virar para enfrentar as dificuldades, vender picolé, trabalhar na feira, até cheguei a catar verdura mesmo para ter alimento. Conseqüência é que fiquei muito desatencioso nos estudos e tive a minha primeira reprovação de ano (no ano anterior minha irmã reprovou o terceiro ano). No ano seguinte minha irmã, aos 18, decide sair de casa ([...]) para Mato Grosso, vindo a passar no vestibular, ela foi a primeira a ter nível superior, sinto muito orgulho dela. (Anexo III, Entrevista).

Embora existam outros pontos que possibilitem outras direções de pensamento, constatei que a ausência psicológica do pai, não apenas durante a infância, mas durante toda a vida do pesquisado, resultou no comprometimento de várias partes da subjetividade do pesquisado visto que este não teve condições de adotá-lo como modelo enquanto ser social. Embora não seja propósito da teoria qualitativa, percebo que não apenas o pesquisado, há uma espécie de generalização dos impactos das dificuldades do pai em relacionar-se com os membros de sua família, pois todos os filhos tiveram dificuldades sociais e foram prejudicados em seus respectivos desempenhos escolares que, sugiro, não tinha importância relevante para o pai.

Para finalizar este capítulo, de todos os indicadores, o abaixo descrito, classifiquei como o que melhor expressa a atribuição dos fatores negativos à relação do pesquisado com o pai, pois percebi reflete o comportamento nômade do pai, tão prejudicial aos aspectos de adaptação e assimilação do pesquisado e com interferências negativas diretas no desempenho escolar e, o que é pior, na infância do pesquisado.

4. **Meu pai cismou em ir para Mato Grosso**, a cidade que a [...] e a [...] vivem hoje. Bem, foi o **primeiro momento de desavença entre nós. Voltamos a Brasília**, meu pai ficou só três meses, ficou sem trabalhar, **tive que ir para uma escola muito ruim, ficava desestimulado** com meus colegas, ao passo que **não gostava nenhum pouco do tipo de infância que tinha**. (Anexo III, Entrevista, grifos do autor).

Com a mãe

Fisicamente, a mãe é o primeiro canal através do qual o bebê se relaciona com o mundo exterior. É a única relação direta no começo da vida. Significa, já desde as primeiras horas de vida, fonte segura de alimento, conforto e carinho.

Enquanto exerce seu papel primordial, a mãe vai exercendo forte influência nas relações do bebê. Cabe a ela os primeiros cuidados no plano físico ao tempo em que age de forma continuada no plano psicológico do bebê fomentando-lhe as estimulações necessárias e indispensáveis à formação de sua subjetividade. Uma das principais funções psíquicas da mãe é transmitir as competências de autonomia pessoal e sensibilidade nas relações interpessoais e, de fundamental importância, intermediação das relações criança-objetos.

De repente, de forma natural e gradativamente, uma outra figura vai se integrando ao mundo perceptivo do bebê. O pai rompe, silenciosa, mas sistematicamente, a relação simbiótica MÃE x BEBÊ e vai clareando a imagem do contexto social. Presença constante do pai contribui com aumento da capacidade de socializar-se com segurança.

É grande a possibilidade das lembranças do pesquisado nos remeterem à observação de que a forte relação com a mãe não foi contra-balanceada com as informações do ambiente social trazidas de forma natural pelo pai. Quando a mesma decidiu mudar junto com sua família para Brasília, adotou postura decisiva na vida de todos os familiares. A mãe parece exercer o papel de pai e este, numa possível tentativa de retomar sua liderança, assume o papel de decidir para onde a família deve se mudar. Começa a mudar a família de cidade em cidade sem, pelo menos, dar tempo suficiente para os processos de adaptação e assimilação, tão importantes na formação da subjetividade.

Dos discursos do pesquisado, alguns indicadores submetem a alguns pontos cruciais na nossa discussão acerca da forma como sua mãe influenciou a organização de sua subjetividade ao longo da vida:

1) responsabilidade pelo que o pesquisado diz ser

2. Vim de uma família muito humilde, minha mãe decidiu vir para Brasília em virtude da família do meu pai detestá-la. No sábado cheguei a comentar que não conheci meus avós paternos, isso de certa forma me frustrou muito. (Anexo III, Entrevista).

Para iniciar minha discussão sobre o tema deste capítulo, senti a necessidade de construir algumas idéias sobre o discurso sobre a postura firme das tomadas de decisão. Com isso, espero obter norte nas questões subseqüentes.

As lembranças do pesquisado em relação às suas origens, nos remete a recomendar que sua mãe, possivelmente pelo fato do pai já não desempenhar seu papel familiar, já é capaz de tomar decisões que afetam o destino da família, sempre em busca de uma melhor qualidade de vida. Quando falou disso, percebi o orgulho do pesquisado em relação à postura adotada pela mãe. O pesquisado aparenta tomar as decisões que norteiam sua vida da mesma forma firme que sua mãe, sem contrabalanços.

A mãe do pesquisado demonstra estar sempre atenta às questões escolares do filho que, na nossa opinião, deveria ser compartilhado com o pai, porém, como epigrafado,

este não participa como deveria. A mãe não mede esforços para que o filho se sobressaia e, também, lhe impõe limites de acordo com suas possibilidades financeiras, assim como segue:

“

... Eu comecei a ter sérias dificuldades em matemática e aí minha mãe procurou atendimento no COMP - Centro de Orientação Médico Psicopedagógica...

... ao fim do terceiro ano queria encarar Engenharia Mecânica na UNB ou Física Nuclear na Unicamp. Conversei sobre isso com minha mãe e ela falou que não dava para segurar minha onda...

... Os principais pontos de nossa relação é que ela me incentivou para o melhor, mas é, como mencionei uma pessoa muito dura e essa dureza já me causou muitos aborrecimentos e desentendimentos...

... Minha convivência com minha mãe é boa, muito dura, mas boa. Ela pega no meu pé, tem medo que eu seja como o meu pai, isso é um sério problema...

... Mãe é mãe e agradeço a Deus por ela, por tudo o que ela me ensinou.

“

2) a mãe como modelo de pai

Para construir o conhecimento acerca deste tema, lanço mão dos dois primeiros trechos citados logo acima, visto que, deles extraí indicadores que levam à reflexão de inversão dos papéis de mãe e pai. Culturalmente (mas nem sempre), é o pai quem busca apoiar o filho em suas dificuldades escolares quando estas requerem intervenção de profissionais externos. Culturalmente (mas nem sempre), o filho sempre busca apoio do pai quando necessita tomar decisões que repercutam em sua vida profissional, pois o pai é o primeiro modelo social imitado pelo filho.

Contudo, nesta relação familiar, é a mãe quem desempenha o papel de pai já que este parece desempenhar o papel de filho rebelde e revoltado com algo que não pode ser encontrado nos discursos do pesquisado. “...eu e minha mãe trabalhamos, ele não tem mais nenhuma despesa em casa, não dá sossego, quebra as coisas em casa...”. Este trecho reflete bem essa idéia. Mãe e filho trabalham, sustentam a casa. O pai não trabalha, causa prejuízos materiais.

3) modelo repressivo da mãe para evitar que o filho imite o comportamento do pai

3. Minha convivência com minha mãe é boa, muito dura, mas boa. Ela pega no meu pé, tem medo que eu seja como o meu pai, isso é um sério problema (Anexo V, Redação 2)

A mãe vale-se, além do seu papel, do papel de autoridade sobre o que deve o pesquisado adotar como comportamento ideal.

4) a mãe como único modelo de bem-estar emocional

10. ...o problema que minha mãe sei lá, não tem coragem de separar dele, mas isso é problema deles sabe que eu já gastei mais tempo tentando ajudar esse casamento de merda do que fazendo algo útil para a minha vida...” Anexo VI, Redação 3)

Este trecho sugere que o pesquisado foi vivenciou o que González Rey (2004:31) sustenta:

O nível de comunicação entre o casal e os filhos é um elemento fundamental para o bem-estar emocional do adulto...

As dificuldades de relacionamento que não podem ser canalizadas na comunicação direta do casal se traduzem em emoções sobre as quais o indivíduo não pode exercer nenhuma ação, transformando-se assim em fontes estáveis de distresse para a personalidade.

6.1.3. Auto-estima

Desde a infância, as relações parentais e sociais, podem estruturar favorável ou desfavoravelmente o auto-respeito, a auto-aceitação e a auto-confiança de um indivíduo. Formulo esta hipótese, não apenas com base nas informações produzidas durante o desenvolvimento da pesquisa, mas, principalmente, por conviver com adultos que, apesar de serem bem sucedidos, desvalorizam-se continuamente.

Entendo que o ambiente familiar foi o principal modelador da auto-estima do pesquisado com repercussões diretas no seu repertório comportamental sempre recheado de generalizações, complexos de superioridade e inferioridade, depressão, embotoamento afetivo e desmotivação. Há também que se considerar aos impactos dos aspectos sócio-econômicos, as condições precárias de moradia e o irascibilidade do pai repercutindo diretamente na qualidade de sua saúde mental e auto-estima.

Não poderia acontecer, porém, infelizmente muitos pais contribuem com o surgimento de uma baixa auto-estima em seus filhos, como é o caso do pesquisado, com as críticas ou agressões constantes sofridas do pai.

O pesquisado demonstra um exagerado complexo de superioridade, conseqüência da forma como sua auto-estima foi desenvolvida. Apesar de isso sugerir um esforço para escapar das pressões sofridas, denotam apenas sua vontade de ser valorizado.

Independentemente de idade, sexo, formação cultural ou instrução e trabalho, todos precisam ter auto-estima, pois esta afeta praticamente todos os aspectos da vida, ... as pessoas que se sentem bem consigo mesmas sentem-se bem a respeito da vida. Estão aptas a enfrentar e solucionar os desafios e responsabilidades com confiança. (CLARK ET ALL, 1995:15)

6.1.4. A afetividade e as relações sociais

O pesquisado admite que seu sistema afetivo é fraco o que lhe tem rendido inúmeras frustrações, principalmente nas relações afetivas com o sexo oposto.

A afetividade é um sistema resultante das emoções de amor, raiva, medo, vergonha, desprezo, tristeza, alegria, êxtase e algumas outras, depende da duração e da intensidade com que estas ocorrem. Podemos definir com relativa certeza que tipo de emoção estamos sentindo em determinadas situações, mesmo sendo esta difusa.

Outra forma da pessoa expressar sua afetividade é através dos sentimentos, naturalmente mais duradouros que as emoções porque, no meu ponto de vida, no subsistema “sentir” do modelo de saúde mental apresentado na página 5.

Por vários momentos durante as entrevistas, o pesquisado demonstrou que sua maior tristeza era em decorrência do empobrecimento de sua afetividade que, na nossa opinião, resultou de uma complexa combinação das relações familiares comprometidas, principalmente a relação marital PAI ⇔ MÃE, conforme pode ser percebido no seguinte trecho de seu discurso:

11. No que isso tudo refletiu nas amizades e no amor? Bem, fui sempre pouco carinhoso com as garotas que conheci e superficial com meus amigos... (Anexo III, Entrevista).

Os indicadores presentes neste trecho sugerem um nível de afetividade bastante comprometido, mas que já é de conhecimento do pesquisado que, por diversas vezes, tentou auxílio por meio de sessões psicoterápicas, inclusive tomando decisões na ânsia de dar prioridade “ao conserto de sua afetividade”.

11. ... Bem, fui sempre pouco carinhoso com as garotas que conheci e superficial com meus amigos, mas o tratamento psicoterápico me levou a refletir sobre esses pontos de pressão. Pena que não pude dar continuidade, pois não estava recebendo autorização do serviço para continuar o tratamento e tive fui convidado a abandoná-lo. Isso foi por um lado ótimo pois decidi largar a carreira militar de uma vez por todas. (Anexo III, Entrevista).

Do trecho acima, um indicador chama a atenção. O pesquisado cresceu num ambiente familiar rígido, com relações afetivas distanciadas e sob a disciplina imposta por sua mãe. Mesmo assim, ingressou na carreira militar somente a abandonando quando percebeu que estava continuando com o processo de depreciação de seu nível afetivo.

10. Vendo tudo, percebo que nunca dei espaço para sentimento em minha vida, e isso de certa forma me causou muito problema... (Anexo III, Entrevista)
14. ... em maio de 2002 fui para a Embrapa, podia ter ido para outros lugares, mas tinha que ser lá não é... Bem aquela historia toda, trabalhava com Engenharia, um trabalho que requer mais organização e tinha uma estrutura muito boa, de repente fui trabalhar com pessoas, cara foi fogo, pois tocou num ponto que sou muito falho, me relacionar, tive muita dificuldade, senti muita frustração, mas sério, agradeço a Deus Demais, pois melhorei demais minha maneira de me relacionar com as pessoas, fiz amizades que nunca mais esquecerei, conheci pessoas que tem coragem de me criticar e de me apoiar, e que sei que me apoiam. Cresci demais como pessoa... (Anexo III, Entrevista)

O trecho acima denota os esforços do pesquisado em dar novo sentido à forma como desempenha suas interações sociais, dando especial atenção aos aspectos afetivos em suas relações com amigos e com o sexo oposto.

Um ponto interessante aponto na redação onde o pesquisado expressou como são suas relações afetivas com o sexo oposto. No início, admite sua superficialidade em suas efêmeras relações amorosas, enfatizando, principalmente, sua insegurança responsável por sua frustração por não ter conquistado as garotas que queria.

1. Comentei que tive relações superficiais e que fui muito pouco carinhoso com as garotas com as quais convivi. Sempre fui muito tímido e tinha muito medo de tomar as iniciativas, então em geral conheci, não as garotas que eu quis, mas as que por algum motivo se interessaram por minha pessoa (Anexo IV, Redação 1)

No final da redação, já admite gostar de uma garota.

8. ... pois ultimamente os diálogos que tivemos tem sido muito importantes para melhorar minha autoconfiança: A VERDADE EU GOSTO DELA DEMAIS e externo essa alegria de estar com ela em palavras, atos, presentes... (Anexo IV, Redação 1)

Com relação à afetividade nas relações sociais com as irmãs (o pesquisado é o único filho), não foi constatado nenhum indicador que pudesse sugerir comprometimento. Possivelmente pelo fato de que os três sempre foram muito cúmplices e mantiveram relações afetuosas independente do comprometimento da estrutura familiar à qual pertencem. Todo o texto da Redação 2 atesta esta relação saudável.

Já com relação aos amigos, os poucos indicadores não foram suficientes para que pudesse sugerir algum tipo de comprometimento. Acredito, por experiência própria, que tais relações não foram citadas não porque não são importantes ou que o pesquisado tenha alguma dificuldade, mas por esquecimento diante de outras interações sociais mais prioritárias e mais comprometidas.

6.1.5. Baixa resistência a frustrações

Desde que conheci o pesquisado, em Maio/2002, percebi que o mesmo apresentava um alto e impressionante grau de auto-crítica, decorrente de sua baixa resistência a frustrações. Caso fosse repreendido, mesmo que leve e verbalmente, por alguma desorganização ou desatenção, o pesquisado demorava muito tempo para se recompor, conforme descrevi no capítulo referente à definição do sujeito.

Certa vez, em conversa informal, apontei o que havia observado e perguntei porque ele se comportava daquela maneira. Lembro-me de sua resposta: “Sofro muita pressão em casa, no trabalho não posso errar.”.

Em outra ocasião, na quadra de futebol de salão durante a disputa de um dos torneios anuais promovidos pela Embrapa, o pesquisado me confessou que iria abandonar tais disputas porque se cobrada demais e se sentia muito dependente da opinião alheia a respeito do seu desempenho, o que reforça minha opinião sobre o por que do pesquisado considerar o esporte individual “um milagre” já que o resultado só depende dele.

6.1.6. Soluções criativas

O homem é, naturalmente, um ser social e, como tal, se submete a todas as influências do ambiente social no qual está inserido. Quase sempre essas influências acarretam obstáculos que impedem a pessoa de se comportar adequadamente diante de certas situações.

Neste estudo, a estrutura familiar do pesquisado culminou com dificuldades no seu modo de agir, sentir e pensar e, como consequência, o mesmo apresenta problemas de insegurança, auto-estima, baixa afetividade e altos níveis de ansiedade. O pesquisado elaborou soluções criativas na esperança de criar mecanismos que o ajudem na superação de cada uma de suas dificuldades reequilibrando suas relações sociais, quais sejam:

Religião e voluntariedade

Na primeira tentativa de encontrar, na religião, uma forma de superar suas dificuldades, o pesquisado assim comentou:

10. ...Eu freqüentava uma religião oriental que no fim não me ajudava muito também pois cobrava demais, aí junta cobrança da carreira militar, repressão pessoal, pressão da universidade... (Anexo III, Entrevista)

Em momentos informais, declarava que sua esperança de ser um homem melhor por meio da religião somente foi possível depois que conheceu a religião católica. Nossa opinião é que as práticas religiosas são culturais. As religiões orientais se expressam pela rígida disciplina que o pesquisado percebeu como mais um “ponto de pressão”. Já a religião católica é praticada mais por atos voluntários e, acreditamos, ser esta a razão pela qual o pesquisado a escolheu como solução criativa.

12. ... bem decidi que ir sair da Aeronáutica, conheci a religião católica que é muito tranqüila, percebi que tinha que melhorar como pessoa, ser melhor, mesmo... (Anexo III, Entrevista)
14. ... hoje sou na graça de Deus Catequista, contribuo com as pessoas ao meu redor, abro mão do meu tempo para ajudar os meus amigos com dificuldade, participo de um monte de coisas, enfim estou buscando deixar tudo de doloroso para traz e ser outra pessoa, com sentimento, simples, carinhosa. (Anexo III, Entrevista)

Estes dois trechos fornecem indicadores de que, finalmente, por meio da religião, o pesquisado encontrou uma solução criativa para melhorar suas relações sociais e,

como bônus, tem conseguido melhorar sua afetividade. Porém, constatei que esta via criativa não foi suficiente para que as relações com o pai fossem reavaliadas.

O trabalho e os estudos

O trabalho é histórico, social e cultural. Por meio do trabalho todos os seres humanos buscam formas de satisfazer suas necessidades básicas. No caso do nosso pesquisado, o trabalho é usado para isto e, principalmente, como uma solução criativa para melhorar sua auto-estima. Embora tal objetivo seja digno de nota, o pesquisado dá indícios de possuir um exagerado complexo de inferioridade. Dos seguintes trechos do seu discurso, extraí indicadores que denotam que o pesquisado busca, ansiosamente, suprir toda a infância pobre que tivera como se isso agora fosse o suficiente para que todas as frustrações fossem erradicadas de sua saúde mental, sem observar os limites orgânicos do seu corpo físico.

14. ... jurei a mim mesmo que mudaria de postura e que seria o CARA, então passei a me qualificar mesmo, a estudar sério, iniciei uma pós, um monte de curso, estava cursando a segunda graduação quando decidi deixá-la... (Anexo III, Entrevista)

Todo organismo físico tem limites. Este fato não precisa de comprovação teórica ou prática. No discurso do próprio pesquisado extrai-se tal indicador. Na ânsia de se “qualificar mesmo”, o mesmo acaba por decidir de alguns cursos já que não consegue manter seu foco de atenção em todos ao mesmo tempo.

Considerações finais

No momento em que esta pesquisa foi iniciada, imperava a idéia de que a saúde mental podia ser fortemente influenciada pelo contexto de trabalho. Aos poucos, esta idéia foi cedendo espaço à constatação de que a saúde mental é um processo tão complexo que restringir seu campo de ação ao contexto laboral é, no mínimo, incorrer em dois erros:

1. a saúde mental não depende do contexto laboral para existir, pois é um sistema com origem na pessoa, desde o nascimento com vida;

2) não apenas o contexto laboral, mas todos os contextos sociais, dentro dos quais a pessoa desempenha e aperfeiçoa suas interações sociais, exercerão algum grau de influência, resultando em equilíbrio ou desequilíbrio na saúde mental.

À medida em que as discussões evoluíam do nível de simples observações, mais premente era a necessidade de que o tema da saúde mental fosse mais discutido no âmbito da ciência psicológica. Contudo, o que se constatou é que toda produção teórica que aborda a questão coloca-a em um plano de discussão de grau de importância menor que o atribuído aos estudos da personalidade. Quando a questão é discutida, freqüentemente vem na carona dos processos de adoecimento. São situações fotográficas que denunciam a falta de abordagem imparcial sobre o processo da saúde mental diferenciando-a de estados de saúde ou de estados de doença.

Uma dificuldade peculiar chamou a atenção enquanto esta pesquisa era desenvolvida. Durante todo curso de psicologia, os alunos são demandados por construir pesquisas cujos resultados são discutidos sob a luz de dados e números, levando a generalizações na maioria das vezes impróprias. Como exemplo, muitos seminários foram apresentados nos quais imperava a idéia geral de que falhas na metáfora paterna durante as fases do desenvolvimento poderiam levar uma pessoa ser diagnosticada como neurótica ou psicótica. Pesquisas realizadas sob esta perspectiva positivista racionaliza de forma inadequada provas de que o diferencial em qualquer processo, seja de saúde ou de adoecimento, é o diferencial humano. A pessoa e a sua subjetividade. Ignorar as habilidades e competências individuais é incorrer no erro de comparar todos os seres humanos da mesma forma, apenas com base em números e informações situacionais, passando a impressão de coincidência já que as particularidades individuais não ocupam o papel merecido.

Construir esta pesquisa com abordagem qualitativa da família e da subjetividade foi um desafio que, às vezes pareceu, invencível, diante da insuficiência de referenciais teóricos imparciais sobre a saúde mental enquanto processo e, principalmente, pela tendência de pesquisa quantitativa imposta aos alunos, fator que dificulta a construção de pensamento cuja fonte primária de discussão seja a pessoa, enquanto ser social individual, inimitável e incomparável.

A conclusão que se pode chegar busca apoio num velho jargão popular de que “o ser humano é uma caixinha de surpresas”. Expostas as pressões sofridas pelo pesquisado dentro de sua estrutura familiar com o conseqüente comprometimento das relações sociais, poder-se-ia afirmar que nosso participante correu sérios riscos de se tornar um ser anti-social com larga experiência em submeter, a si mesmo ou a outros seres sociais, a processos de crudelização ou despersonalização social.

Pelo contrário, o que se constatou é que algum fenômeno pessoal e intransferível opera sob comando consciente ou inconsciente tornando a pessoa apta a elaborar soluções criativas eficazes para intermediar a resolução de conflitos internos e/ou externos.

Alguns indicadores expressam com qualidade indiscutível a influência da estrutura familiar na organização da subjetividade do pesquisado.

Em algumas circunstâncias, o pesquisado apresenta um comportamento de pai autoritário frente ao seu próprio pai quando este apresenta comportamento de adolescente rebelde e irresponsável que prefere buscar refugiar-se na bebida do que também construir suas vias criativas.

A dificuldade para lidar com as emoções poder-se-ia explicar com base na turbulência emocional da própria família o que pode ter tornado o pesquisado inseguro na manutenção de relacionamentos afetivos e sociais, bem como sua dificuldade de analisar o mundo sob a ótica de outra pessoa.

É notória a necessidade de ser amado, contudo, como tem dificuldade de amar, se emocionar, destina sua atenção para o desenvolvimento intelecto-profissional de forma que sua meta esteja diretamente ligada a dois núcleos principais: ter e saber.

A auto-estima comprometida dificulta a postura firme e independente do julgamento alheio.

É notável o desenvolvimento da capacidade de criação de soluções criativas na busca incessante para obtenção de relações sociais harmônicas. Estas soluções sempre são esquematizadas de forma dinâmica e complexa pela pessoa sempre em busca de um ganho ou

compensação. Um exemplo é a dedicação aos esportes individuais onde, por força do condicionamento físico, supõe-se que o pesquisado pretendia melhorar sua auto-estima, chamando a atenção para si e, por conseguinte, a admiração que não conseguiu conquistar como filho.

Ante o exposto, não há porque temer afirmar que o pesquisador tem um papel ativo na construção do conhecimento, pois este é um processo construtivo-interpretativo onde os indicadores da subjetividade vão surgindo das diferentes formas em que o sujeito se expressa e, gradualmente, vão sendo contextualizados na abordagem teórica construída sob a interpretação e construção do investigador. Esta foi a direção que culminou na produção das informações referentes ao sentido subjetivo das declarações do pesquisado.

Esta pesquisa então pode ser entendida como resultado de um processo de diálogo que rompe com a neutralidade do pesquisador quando foi estabelecida a relação interativa com o pesquisado. As conversações mediante o uso de entrevistas possibilitaram a elaboração e expressão de conteúdos emocionais significativos, vivenciados pelo pesquisado ao longo de sua vida plena de conflitos originados nas relações familiares.

O complemento de González Rey pôde ter sua eficácia comprovada pois mostrou-se uma excelente ferramenta de pesquisa, porém, foi por meio da redação de próprio punho que o entrelaçamento das informações com o problema de pesquisa foi feito de forma eficaz, dado à riqueza de detalhes que o participante forneceu.

Por meio deste trabalho, foi possível contemplar como é importante que os membros de uma família cuidem um do outro, conforme seus papéis estabelecidos ao longo da história da cultura humana, relacionando-se de forma direta, transparente e objetiva, dando à família o valor de destaque na organização da subjetividade. E quanto ao psicólogo enquanto profissional que zela pela equilíbrio psicológica? Durante o desenvolvimento desta pesquisa, o pesquisado demonstrou absoluta consciência da contribuição das psicoterapias em sua busca por melhorar a si mesmo (Anexo III, parágrafos 10 e 11) .

Por fim, é meu ponto de vista que o trabalho do psicólogo não deve se resumir apenas à pessoa cuja organização da subjetividade foi comprometida de alguma forma, mas compreender todos os familiares, enquanto pessoas distintas indivisíveis com subjetividade própria e, de forma conjunta, enquanto formadores da instituição social primária. Assim, acredito, poder-se-á desenvolver estudos primorosos que possibilitem discutir o complexo processo da subjetividade humana com eficiência e eficácia.

Referências bibliográficas

- BANDURA, A. **Social Learning Theory**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1977.
- CLARK, A.; CLEMES, E.; BEAN, R. **Adolescentes seguros: como aumentar a auto-estima dos jovens**. São Paulo: Gente, 1995
- DUARTE, J., BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas: 1995
- ERIKSON, E. **Infância e Sociedade**, 2ª edição, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1976.
- ETHOS. **Entenda a pesquisa qualitativa**.
www.ethos.com.br/diferenciais/pesquisaqualitativa.htm: 2005
- FIOREZE, R. **Metodologia da pesquisa: como planejar, executar e escrever um trabalho científico**. 2ª ed. João Pessoa: UFPB/Editora Universária, 2003.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília. Plano Editora, 2003.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Epistemología Cualitativa y subjetividad**. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **La categoría de sentidos subjetivos y su significación en la construcción del pensamiento psicológico**. Contra Pontos, Revista de Educação da Universidade do Vale de Itajaí, Ano I-n. 2. out: 2001.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Personalidade, saúde e modo de vida**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Psicologia e saúde: desafios atuais**. Psicologia: Reflexão e Crítica vol.10 n 2, Porto Alegre:1997 (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000200007)

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

LAJONQUIERE, L. **De Piaget a Freud. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber**. Vozes, Petrópolis, 1993.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

MARASCHIN, C. **A psicologia e seus sujeitos**. http://mathematikos.psico.ufrgs.br/Paradigmas_Projetos/sujeito.htm

MATARAZZO, J. D. **Behavioral Health and Behavioral Medicine**. American Psychologist: 35. 1980.

MINAYO, M. C. **O desafio no conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1994.

MINAYO, M. C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 10ª ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1998.

NEUBERN, M. S. **As Emoções Como Caminho Para Uma Epistemologia Complexa da Psicologia**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol.16 no.2 Universidade de Brasília Maio/Agosto, 2000. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000200008

PSIQUIATRIA GERAL: http://www.psiquiatriageral.com.br/enfermagem/modelo_pratica.htm
2005

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999;

SELLTIZ, C.; WHRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W.. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU: 1987.

TORTORA, G. J. **Corpo humano: fundamentos de anatomia e fisiologia**. 4^a ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

UNIVAG, 2005 (http://www.univag.com.br/proc_geral.php?tipo=outros&id=22)

XAVIER, R. **Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis?** Universidade Federal de Pernambuco: 2005. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822002000200003&script=sci_arttext&tlng=pt

ANEXO I - Carta Convite

Brasília-DF, 07 de maio de 2005

Prezado Participante,

Tem esta o objetivo de convidá-lo para participar de um estudo que ora estou conduzindo como parte integrante da Monografia, trabalho exigido para obtenção do grau de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

As informações extraídas deste estudo serão utilizadas para produção de conhecimento científico sobre as relações interdependentes do trabalho na saúde do sujeito entrevistado, com ênfase nas suas relações sociais com a família, amigos, religião. Também será construído conhecimento acerca das influências desses últimos fatores sociais no trabalho do sujeito entrevistado. O desenvolvimento das informações decorrentes deste estudo será orientado pelo Professor Dr. Fernando Rey, docente do UniCEUB.

Neste estudo, pesquisarei os aspectos psicossociais presentes na relação saúde mental e trabalho e, para tanto, caso você consinta, utilizarei de gravador para melhor aproveitamento das suas percepções acerca da família, dos amigos, religião, educação e, por fim, do trabalho.

Será mantido total sigilo acerca das suas declarações. Sua participação será totalmente voluntária. Você não é obrigado a prestar informações que não deseja ou que considere importantes manter em sigilo. É assegurado total direito para que você, se considerar conveniente, interromper sua participação, em qualquer tempo.

Suas percepções serão valorizadas e não serão julgadas sob qualquer circunstância, pois são de alta relevância para este estudo.

Por fim, os resultados de nossas entrevistas, mantidos e resguardados os aspectos éticos do sigilo, serão publicados no meu trabalho de monografia.

Desde já agradeço sua valorosa atenção e preciosa colaboração.

ANEXO II - DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Compreendo e consinto em participar do trabalho psicológico desenvolvido pelo estudante CLAUDEMIR DOS SANTOS SOUZA, a mim proposto nesta data,.

Consinto também que todas as informações por mim fornecidas sejam objeto de produção de conhecimento científico e publicadas no trabalho de Monografia ora em desenvolvimento pelo estudante acima referido.

Declaro entender que será mantido sigilo sobre as informações por mim fornecidas e consinto, por oportuno, que seja utilizado gravador e que as fitas serão degavadas ao final dessa pesquisa.

Por fim, declaro entender que posso interromper minha participação no momento que eu achar oportuno.

Tendo em vista as declarações acima, concordo participar desse estudo.

Nome.....

Idade.....

Assinatura.....

Local e data.....

ANEXO III - ENTREVISTA

6. Eu nunca parei para pensar em como o meu passado influenciou positivamente e negativamente quem sou, então desde já peço desculpas por qualquer lapso na linguagem pois foi deixar para lá a correção gramatical e escrever as sensações e experiências.
7. Vim de uma família muito humilde, minha mãe decidiu vir para Brasília em virtude da família do meu pai detestá-la. No sábado cheguei a comentar que não conheci meus avós paternos, isso de certa forma me frustrou muito.
8. Apesar de toda a pobreza material tive uma infância muito boa, em virtude do esforço de minha mãe estudei numa excelente escola e sai do primário sabendo ler muito, isso tinha eu 6 anos de idade. Quando tinha cinco anos meu pai foi trabalhar no Iraque, na época da Guerra Irã e Iraque, isso foi em 1983. Desde lá ele nunca foi o mesmo, poderei comentar isso melhor adiante.
9. Aos 7 mudamos para o interior de Goiás em virtude de trabalho do meu pai. Foi legal demais, pertinho da Chapada, muito contato com a natureza, um sonho. Meu pai cismou em ir para Mato Grosso, a cidade que a Laura e a Emília vivem hoje. Bem, foi o primeiro momento de desavença entre nós. Voltamos a Brasília, meu pai ficou só três meses, ficou sem trabalhar, tive que ir para uma escola muito ruim, ficava desestimulado com meus colegas, ao passo que não gostava nenhum pouco do tipo de infância que tinha. O que amenizou a frustração foi o Judô e a Natação.
10. Até os 13 fiquei nesse reme até um monte de coisas difíceis ocorrem lá em casa. Daí comecei me virar para enfrentar as dificuldades, vender picolé, trabalhar na feira, até cheguei a catar verdura mesmo para ter alimento. Conseqüência é que fiquei muito desatencioso nos estudos e tive a minha primeira reprovação de ano (no ano anterior minha irmã reprovou o terceiro ano). No ano seguinte minha irmã, aos 18, decide sair de casa (Emília) para Mato Grosso, vindo a passar no vestibular, ela foi a primeira a ter nível superior, sinto muito orgulho dela.
11. Quando tinha 14 anos ocorreu um milagre em minha vida. Conheci o atletismo, ganhei muitas medalhas, mas era muito sofrido pois não tinha material adequado. Cansei de ganhar medalha correndo descalço, indo atrás de patrocínio, enfim, país de terceiro mundo é assim mesmo, não é, mas amava e amo o atletismo.
12. Aos quinze terminei o primeiro grau.

13. Viajei pela primeira vez a Mato Grosso para a cidade e essa experiência mudou a minha vida, conheci a aviação e decidi que me tornaria piloto militar, isso terá muitas conseqüências depois...

14. Quando voltei fiz o vestibulinho do Centro Educacional Setor Oeste. Fui aprovado. Creio que foi a maior vitória de minha vida até então e vou explicá-la melhor: vim de escolas muito ruins e fui para a melhor escola do DF. Eu morando em Ceilândia, vindo de uma família altamente desestruturada, com baixa-estima, conheci várias pessoas que são e serão determinantes para a minha vida. Eu comecei a ter sérias dificuldades em matemática e aí minha mãe procurou atendimento no COMP - Centro de Orientação Médico Psicopedagógica - percebeu-se que eu tinha bloqueio para as exatas. O tratamento me fez muito bem, ao fim do terceiro ano queria encarar Engenharia Mecânica na UNB ou Física Nuclear na Unicamp. Conversei sobre isso com minha mãe e ela falou que não dava para segurar minha onda. Fiquei muito frustrado, não tem curso de engenharia à noite em Brasília e eu já não podia ser Piloto Militar pois já usava óculos (isso por muito tempo me frustrou, mas hoje agradeço à Deus por tudo...). Bem percebi que tinha que me virar, só que nunca quis trabalhar, pois com baixa qualificação sabia que não iria encontrar um bom emprego e teria que estudar à noite e conseqüentemente não passaria na UNB, enfim, se tornaria um ciclo vicioso. Percebi que carreira militar seria uma boa e aí me alistei no Exército Brasileiro, fui muito bem recebido. Me inscrevi para a prova da Academia da Polícia e para o vestibular da Unb, Ciências Contábeis, pois era melhor curso que tinha à noite.

15. Fui aprovado em ambos exames, mas não tinha dinheiro para comprar o enxoval e fazer os exames de admissão, então desisti de ser Oficial da PM e fui para a UNB. Pô, eu quis largar o curso no primeiro semestre, mas fui forte... prestei prova para a Aeronáutica e fui trabalhar, aquela historia toda, trabalhar, estudar, fazer inglês... Mas disso vieram descobertas, alegrias, problemas. Vendo tudo, percebo que nunca dei espaço para sentimento em minha vida, e isso de certa forma me causou muito problema. Eu freqüentava uma religião oriental que no fim não me ajudava muito também pois cobrava demais, aí junta cobrança da carreira militar, repressão pessoal, pressão da universidade,... aos 22 tive problemas sérios com álcool, mas fui muito ágil e procurei tratamento, não precisei ser internado, apenas tive seções de psicoterapia.

16. No que isso tudo refletiu nas amizades e no amor? Bem, fui sempre pouco carinhoso com as garotas que conheci e superficial com meus amigos, mas o tratamento psicoterápico me levou a refletir sobre esses pontos de pressão. Pena que não pude dar continuidade, pois não estava recebendo autorização do serviço para continuar o tratamento e tive fui convidado a

abandoná-lo. Isso foi por um lado ótimo pois decidi largar a carreira militar de uma vez por todas.

17. No fim de 2001 fui para Mato Grosso e isso revolucionou minha vida. Fui para um lugar neutro e estive com minha irmã que você conheceu e percebeu que é uma pessoa super centrada, bem decidi que ir sair da Aeronáutica, conheci a religião católica que é muito tranqüila, percebi que tinha que melhorar como pessoa, ser melhor, mesmo.

18. Voltei em janeiro de 2002, fiz um monte de concursos, assumi a mudança de religião e isso causou um stress pois foi uma vida inteira de convivência, minha mãe não estava falando comigo, mas foi muito bom, tudo isso sabe.

19. Ai em maio de 2002 fui para a Embrapa, podia ter ido para outros lugares, mas tinha que ser lá não é...Bem aquela historia toda, trabalhava com Engenharia, um trabalho que requer mais organização e tinha uma estrutura muito boa, de repente fui trabalhar com pessoas, cara foi fogo, pois tocou num ponto que sou muito falho, me relacionar, tive muita dificuldade, senti muita frustração, mas sério, agradeço a Deus Demais, pois melhorei demais minha maneira de me relacionar com as pessoas, fiz amizades que nunca mais esquecerei, conheci pessoas que tem coragem de me criticar e de me apoiar, e que sei que me apoiam. Cresci demais como pessoa, me graduei, comecei a estudar para concurso, mas não estava passando, ao passo que sentia muito o lado financeiro, isso tudo me ajudou a ser mais dedicado com o que faço atualmente, pois como já disse à você, podia ter aprendido muito de computação se eu tivesse demonstrado interesse, era muito reativo, não me antecipava, enfim, quando sai da Embrapa em 30/06/2004 jurei a mim mesmo que mudaria de postura e que seria o CARA, então passei a me qualificar mesmo, a estudar sério, iniciei uma pós, um monte de curso, estava cursando a segunda graduação quando decidi deixá-la. Estou sabendo aproveitar a prosperidade material, mas estou contente por perceber que também tenho que cuidar das amizades, ser sincero, admitir e aceitar que erro, que perco, que sou normal e suscetível de falhas e que quando alguém falha de procurar entender e que nem tudo se resume a trabalhar, a curso a dinheiro a frustração retida, que o mundo é cheio de coisa para ser desfrutada e que tenho coração e que posso ser uma pessoa magnífica, então tenho procurado me doar mais, hoje sou na graça de Deus Catequista, contribuo com as pessoas ao meu redor, abro mão do meu tempo para ajudar os meus amigos com dificuldade, participo de um monte de coisas, enfim estou buscando deixar tudo de doloroso para traz e ser outra pessoa, com sentimento, simples, carinhosa.

20. HOJE ME SINTO UMA PESSOA MUITO FELIZ, GRAÇAS A DEUS, CHEIA DE IMPERFEIÇÕES PARA SUPERAR, MAS ABERTA AO QUE SINTO E CHEIO DE

CORAGEM PARA VIVER AS COISAS EM QUE ACREDITO, E QUE ACREDITO QUE NÓS PODEMOS FAZER A DIFERENÇA, QUE PODEMOS CRIAR UMA NOVA REALIDADE APESAR DE TODAS AS DIFICULDADES, ENFIM QUE SOMOS E QUE TEMOS QUE SER BONS, ISSO NÃO SIGNIFICA SER BOBO, QUE TENHO DIFICULDADE COM MEUS SENTIMENTOS, MAS QUE ESTOU MAIS QUE DISPOSTO A SUPERAR QUALQUER TIMIDEZ, QUALQUER MEDO DE AMAR, DE ENCARAR AS PESSOAS COMO SOU E NAO COM ESCUDOS, QUE POSSO ERRAR POIS SOU HOMEM, MAS QUE SOU OBRIGADO A REPARAR OS ERROS POIS DIANTE DE MINHA PESSOA HÁ OUTRA PESSOA QUE TAMBÉM TEM O DESEJO DE SER FELIZ E QUE VALE TANTO QUANTO EU, QUE ESTOU TENDO EXPERIÊNCIAS INESQUECÍVEIS NO AMOR, NA AMIZADE, E QUE TENHO MUITO A AGRADECER A DEUS E À VIDA E QUERO TRANSMITIR ESSA VONTADE A TUDO O QUE FIZER!

21. Bem meu brother, escrevi muito, muitas coisas confusas talvez, mas foi o que veio à mente, espero que complemente as entrevistas orais e escritas. Se precisar pode contar comigo.

ANEXO IV - REDAÇÃO 1

Relações Afetivas

1. Comentei que tive relações superficiais e que fui muito pouco carinhoso com as garotas com as quais convivi. Sempre fui muito tímido e tinha muito medo de tomar as iniciativas, então em geral conheci, não as garotas que eu quis, mas as que por algum motivo se interessaram por minha pessoa. Estranho, não é pois sou um homem com um físico bem desenvolvido, bonito, inteligente. Podia ter ficado com um monte de pessoas, mas por outro lado percebo que me tornaria uma pessoa muito vulgar. Vou narrar algumas historias para descrever um pouco essa situação:
2. Tive uma experiência muito interessante no período da Unb em 1999, me interessei por uma amiga minha e ela idem, todavia ela também é música e numa dessas viagens conheceu outro cara e enfim, se casou com ele. Mês passado estávamos conversando na pós-graduação e ela narrou coisas assim: não ter encarado o relacionamento com medo de perder a minha amizade, no tipo de coisa que poderia ter acontecido caso estivéssemos juntos, daí eu respondi que não é necessário pensar nisso, pois agora ela está casada e tem coisa que não se pode mais voltar atrás.
3. Gostei de muitas pessoas, acho que até mesmo a dizer que amava, em especial uma mulher chamada XXX em 2000, e YYY em 2004, mas foram relações extremamente tensas. Em relação à XXX eu dificultei muito as coisas, foi naquele momento em que estava bebendo muito, ela tinha acabado de se separar, mas fui eu que tomei a iniciativa de romper o relacionamento. Fiquei arrasado, demorei muito a ficar com outra pessoa.
4. Em relação à YYY, tava indo tudo bem, mas ela forçou demais a barra para nos casarmos, isso com 4 meses de namoro, não teve jeito, rompi o relacionamento, mesmo gostando dela. Tava muito difícil, ela achava motivo em tudo para reclamar, se almoçava com alguém, no dia em que fui conhecer minha atual chefe e amiga ela me pagou literalmente um sapo, que eu não deveria ir lá conversar com mulher, tinha ciúme da uma outra colega de trabalho que atualmente trabalha atua no DAF e externou esse posicionamento - Eu ficar com uma mulher de 40 anos, mãe de família; tava reclamando porque eu estudava demais, quando eu fiz a prova da Marinha e do MPU nem me ligou para me dar boa sorte, pode uma coisa dessa? tive uma puta depressão então no dia 5 de julho de 2005 entreguei os pontos. Fiquei impressionado com a reação dela, tipo comentar situação em que uma pessoa diz adeus a outra e essa outra comete assassinato, jogou na minha cara todas as vezes em que me declarei

à ela. Fique calado, mas sei que tomei uma das decisões mais difíceis, mas mais corretas em minha vida.

5. Ai volta aquela história da FFF que como mencionei, em 2003 me declarei e ai ela disse que tinha medo de perder a minha amizade...no início desse ano ela volta a me procurar e ai começamos a conversar e ela passa a ter uma série de iniciativas até se declarar. Tudo bem, ficamos juntos um final de semana. O interessante é que fiquei pela primeira e única vez com ela na frente da menina que estava gostando, digo, que tenho certeza que gosto: MMM. Foi uma situação muito complicada, mas que me trouxe um grande aprendizado no sentido de me dar firmeza no que quero, tudo muito legal, mas ai ela começou a estranhar o meu comportamento e eu me senti inseguro com a insegurança dela, e ai voltou o medo de perder minha amizade e ai na minha cabeça ver essa historia se repetir outra vez e nos nossos diálogos cada vez mais ficava latente um descompasso de interesses. Na mente dela eu era a mesma pessoa que ela conheceu em 2003, ao passo que eu estava enfrentando um momento muito grave em casa e no trabalho, ao mesmo tempo sedento de vontade ter sucesso profissional, de me superar. Eu expus que não poderíamos continuar assim e que eu estava me sentindo repellido por ela e que ela deveria enfrentar esse medo de se relacionar comigo, enfim, de me amar, ela não aceitou o comentário, pelo contrário, disse que se eu a quisesse eu tinha que demonstrar, pois comentou que quando se declarava para alguém sacaneavam com ela e que por isso não iria mais comentar o que sentia em relação à minha pessoa. Entrei em parafuso, decidi que não poderia ser assim, mandei um e-mail para ela dizendo tudo, algo que deveria ter feito pessoalmente, mas enfim disse. A resposta foi a seguinte: "você só quer saber de poder, dinheiro e pessoas te bajulando". Tudo bem, fiquei magoado, mas concordo com ela em relação a poder e dinheiro, qual é a meta nessa vida? o problema é que busco o sucesso, o dinheiro, o saber, de uma forma explicita, as pessoas são em geral muito hipócritas nesse ponto, num país de terceiro mundo estudar mais incomoda a algumas pessoas. O interessante é que ela só teve namorado bacana, de carro do ano, mas não trataram ela com carinho. Ela se desculpou por tudo depois, disse que me admirava apesar também me desculpei por tudo, no dia das mães inclusive mandei flores para a mãe dela que acho uma pessoa sensacional, mas sabe que sinto alívio, pois seria uma relação muito tensa, ela me criticava demais e chega já tenho tanta carga nas costas que não encarei essa. O tipo de roupa que uso, não saber dançar bem, ah... não é ser criticado, mas a forma como ela colocava cada ponto de vista, muito direto, incisivo, muitas vezes sem razão, a falta de carinho me incomodava.

6. Na outra semana voltei procurei a MMM, minha atual namorada. Nesse ponto está se constituindo exceção, pois de fato tomei as iniciativas para que as coisas ocorressem. Há

muito tempo a admirava, no dia 1 de janeiro desse ano tivemos o primeiro contato mais direto, quanto estava para me declarar a FFF me procurou e tive aquela recaída.

7. Sei naquele dia em que fiquei com a FFF na frente dela a magoei muito, isso tinha sido 19 de janeiro, por volta do dia 27 tinha decidido não mais procurar a FFF. Dia 28 liguei para ela e pedi o telefone da casa dela e conversamos cerca de 1 hora. No dia 29 de janeiro saímos juntos e foi a primeira vez que ficamos juntos e enfim, a convidei para dançar pisei no pé dela sem querer, olhei nos olhos dele e ai ... Senti uma sensação indescritível. Tem sido uma relação impar, diferente, franca, mas difícil, pois estou tendo que conquistá-la, como uma tropa conquista um terreno minado, palmo a palmo. Por outro lado se fosse outra pessoa, nunca mais ficássemos juntos devido àquele acontecimento, junto a isso a melhor amiga dela é apaixonada por mim e isso tem sido um problema para ela.

8. Ela comentou em querer dar um tempo. Fico bastante inseguro, mas por outro lado ela explicitamente admira minha vontade de me superar, meus gestos de carinho, além de tudo, temos tido um diálogo extremamente franco e aberto, então tenho me sentindo muito reforçado e pretendo ter paciência, evoluir, em termos uma relação estável. Mesmo que se hoje terminássemos, não teria qualquer espécie de mágoa, pois ultimamente os diálogos que tivemos tem sido muito importantes para melhorar minha autoconfiança: A VERDADE EU GOSTO DELA DEMAIS e externo essa alegria de estar com ela em palavras, atos, presentes (coisas simples, uma caneta que ganho nos congressos ou cursos que participo, um cd gravado, coisas simples mesmo, mas que ela faz questão de agradecer)!

9. Por fim, tem uma amiga minha que foi da Embrapa e que você conhece e que você sempre soube que tenho a maior admiração por ela. Se ela não fosse casada, E MUITO BEM CASADA GRAÇAS A DEUS, e se tivéssemos nos conhecido antes disso, tenho certeza tinha rolado algo muito legal (não é imaginação minha – rrsrrsrs), pela amizade, pela vontade dela de vencer, pela simplicidade das atitudes, pela beleza física e espiritual, me ensinou muita coisa legal, me incentivou a estudar pra caralho, fizemos cursinho para o TCU juntos daí passei para o Serpro e ela está num lugar muito bom, fazendo o que gosta e ganhando muito bem! É um referencial para o tipo de relação que quero e que sei que estou tendo com a MMM.

ANEXO V - REDAÇÃO 2

Relação com minha família

1. Adoro as minhas irmãs, em especial a Emília. Ela foi muito corajosa, saiu de casa aos 18, venceu na vida, é uma super mãe. Conversamos toda semana e nos momentos mais críticos da minha vida ela foi a pessoa que mais me ajudou, ao invés de me criticar proferiu palavras e atos de carinho que me elevaram, com certeza ela é a pessoa mais carinhosa na minha vida, a pessoa que mais me conhece, mais que minha própria mãe, tanto nas fraquezas quanto nas forças.
2. A Laura é uma figura, muito divertida, tomamos muita pinga juntos, mas muito irresponsável, mas que me deu um grande presente, a Isabelinha. Acompanhei toda a gestação, fui um pai, pois o pai da Isabelinha não ajudou em porra nenhuma até a decisão da justiça. Estou muito feliz pois ela será a primeira Engenheira da família, meio que vai sanar minha frustração – rrsrsrs. Vez ou outra ela me manda os trabalhos de Estatística dela para eu resolver por causa da outra filhinha dela que acabou de nascer, pois também faço outra pós em Estatística.
3. Minha convivência com minha mãe é boa, muito dura, mas boa. Ela pega no meu pé, tem medo que eu seja como o meu pai, isso é um sério problema. Eu já a estou preparando para a minha saída de casa, inclusive conversamos sobre isso hoje. Quero que meus pais curtam mais um pouco as melhorias em minha vida, especialmente ela que só se ferrou na vida e agora está dando a volta por cima. Ela quer desanimar, eu a incentivo, então ela acabou de ser empossada no primeiro concurso público, como trabalha em escala, continua tocando a vida normalmente, isso vai facilitar mais minha saída de casa. Os principais pontos de nossa relação é que ela me incentivou para o de melhor, mas é, como mencionei uma pessoa muito dura e essa dureza já me causou muitos aborrecimentos e desentendimentos. Causei muitas mágoas à ela, especialmente quando enfrentei os problemas com álcool, mas ela também deu umas pisadas na bola comigo. Mãe é mãe e agradeço a Deus por ela, por tudo o que ela me ensinou.

ANEXO VI - REDAÇÃO 3

Relação com meu pai

11. Não quero fazer desse comentário uma seção Joga a Pedra na Geni, mas meu pai é sacana, de marca maior:
12. sempre alegou comida; sempre quis vender a porcaria dessa casa para torrar o dinheiro com cachaça e vir atrás de mim e da minha mãe,
13. sempre chamou e chama a minha mãe de puta, rapariga,...
14. inúmeras vezes, inclusive esse ano me chamou de homossexual, drogado; mas foi uma pessoa incapaz de me dar um conselho sobre sexualidade, comportamento, ética, honestidade, perspectiva profissional, e ele sabe muito bem disso, inclusive por eu agora deixar isso bem nítido. Um dia um amigo dele falou para ele ter vergonha na cara e parar com isso, eles não estão conversando direito desde então;
15. quis obrigar a Laura a fazer aborto da Isabelinha;
16. quando eu passei na Unb nem falou comigo (pô, sei das limitações econômicas dele, mas era só um abraço, um parabéns, só isso que eu queria, mais nada);
17. na minha formatura na Força Aérea foi bêbado, parecia um espantalho;
18. na minha formatura da graduação ele quis dar espetáculo. A minha outra convidada perguntou porque eu me sujeitava a isso: simplesmente nunca mais ela vai a um evento comigo.
19. bebe demais, e sempre abri mão do meu tempo tentando ajudá-lo: já fui em terreiro de macumba, entrei para uma religião que não me completava, igreja evangélica, Igreja Universal do Reino de Deus, Alcoólicos Anônimos, clínica psiquiátrica, mas ela não tem força, digo, é tudo muito cômodo para ele, então fala sério: VAI SE LASCAR PRÁ LÁ pois eu já paguei mico demais tentando ajudá-lo.
20. eu e minha mãe trabalhamos, ele não tem mais nenhuma despesa em casa, não dá sossego, quebra as coisas em casa, o problema que minha mãe sei lá, não tem coragem de separar dele, mas isso é problema deles sabe que eu já gastei mais tempo tentando ajudar esse casamento de merda do que fazendo algo útil para a minha vida. Sou cristão, mas não sou otário.
21. Tudo isso serve de lição para saber quem é um cara mane na vida. Disso serviu a lição que decidi que nunca mais quero beber que tenho que ser homem e encarar os meus problemas e limitações frente à frente, mesmo que me dilacere. Já pisei na bola com muita gente por falta de desenvolver uma verdadeira personalidade, com medo de desagradar, aceitando

comentário e intromissão de quem não sabe de porra nenhuma da vida e pagando um altíssimo custo emocional depois. Todas essas coisas tocaram em pontos muito doloridos da minha vida. Tive a oportunidade de conversar com algumas dessas pessoas sobre esses comentários.

22. Um abraço fraterno, a luz de Cristo e seu perdão necessário aos nossos pecados.

23. "O ódio divide, separa e destrói, enquanto o AMOR UNE, EDIFICA, DÁ A PAZ" – São Maximiliano Maria Kolbe, mártir em Auschwitz.

ANEXO VII

COMPLEMENTO DE FRASES (grifos do autor)

1. O que mais gosto

- Jogar vôlei
- Participar da catequese

2. O tempo mais feliz

- Quando estou com meus amigos
- Quanto estou com minha família

3. Gostaria de saber

- Falar inglês melhor
- Conhecer mais sobre tecnologia da informação

4. Lamento

- Não ser tão amado quanto eu deveria
- Ter medo de enfrentar a vida

5. Meu maior medo

- Da opinião alheia
- Da opinião de meus familiares

6. Na escola

- Era tímido
- Era dedicado

7. As mulheres

- São tudo de bom
- São complicadas, mas simples entende?

8. Não posso

- Deixar de ser uma boa pessoa
- Me eximir de ser responsável

9. Sofro

- Quando vejo as pessoas sem esperança
- Quanto sou muito criticado

10. Fracassei

- Em ser aviador
- Em enfrentar a vida

11. O sucesso

- É algo que todos querem

- É algo ilusório

12. A leitura

- É tudo

- É liberdade

13. Meu futuro

- É brilhante, tanto como pessoa como profissional

- Terá muitos desafios

14. Algumas vezes

- Me sinto só

- Me sinto complexo

15. Este lugar

- É 10

- Gosto muito, lembro de momentos muito legais

16. Minha preocupação principal

- Desenvolver o melhor trabalho

- Ser uma pessoa sincera

17. Desejo

- Mudar a vida

19. Secretamente eu

- Sou inseguro

- Sou temeroso

19. Eu

- Mereço tudo de bom

- Amo tudo que faço

20. Meu maior problema

- Baixa estima

- Imediatismo

21. O trabalho

- Me transforma

- Me completa

22. Amo

- Ir à missa
- Ouvir música

23. Minha principal ambição

- Ser rico, eticamente, é claro.

24. Gostaria

- De entrar para a história
- De ser muito, muito bom

25. Acredito que minhas melhores atitudes

- São de abnegação

26. A felicidade

- É muito simples
- É para o próximo

27. Ser pai

- É algo muito bom
- É arrependimento

28. Diariamente me esforço

- Para manter a esperança
- Ser gente boa

29. Sinto dificuldade

- Em ser diplomático
- Mentir (dá trabalho, mas é bom demais)

30. Ser homem

- É 10

31. Meus maiores desejos

- Conhecer o mundo
- Ganhar mundo para Maria

32. Eu gosto muito

- De estudar

33. Minhas aspirações são

- Ser o cara
- Ganhar e manter muito dinheiro

34. Meus estudos

- São orientador para agregar valor (\$)

35. Luto

- Para ser forte
- Para ser o cara

36. Com frequência sinto

- Solidão
- Alegria de viver

37. O passado

- Já era
- É ensino

38. Minha vida futura

- Depende do presente
- Será magnífica

39. Farei o possível para conseguir

- Realização
- Espiritualidade

40. Com frequência reflito

- Sobre minha conduta
- Sobre as vezes que falhei com as pessoas

41. Esperam que eu

- Seja perfeito

42. Dedico a maior parte do meu tempo

- A estudar
- A ouvir música

43. Sempre que posso

- Ser brother (cooperativo)
- Ajudar o próximo (dar dinheiro)

44. Me esforço

- Para ser o cara

45. Ter filhos

- Tenho medo.

46. As contradições

- Fazem parte da vida
- Orientam o caminho

47. Minha opinião

- Pode ser mais firme
- Pode influenciar

48. Penso que os outros

- Deveriam ser mais fortes
- Deveriam ser autênticos

49. O lar

- Deveria ser bom, mas não é
- É um lixo!

50. Me incomodam

- Pessoas incomodadas
- Ser acomodado

51. Ao me deitar

- Rezo
- Reflito

52. Os seres humanos

- São deuses e demônios
- Podem ser melhores

53. As pessoas

- São fracas, não agüentam a pressão
- Têm que pensar mais

54. Uma mãe

- É plena
- É amor

55. Um pai

56. Sinto

- Vontade de revolucionar
- Ganhar o mundo para Maria

57. Os filhos

- São ingratos

- São benção

58. Quando era criança

- Eu queria ganhar o mundo

- Eu sofria pra caralho!

59. Quando tenho dúvidas

- Sobre o futuro, é sempre temeroso

60. A competição

- Me desgasta

- Parte da vida

61. Necessito

- De carinho

- De amor!!!

62. Meu maior prazer

- Fazer e ser amor, é claro

- Amar, trabalhar e ganhar grana

63. Detesto

- Ser covarde

- Ser omissos

64. Quando estou sozinho

- Fico fraco

- Me desconcentro

65. Meu maior medo

- É ter medo

- É ser pilantra

66. Estou melhor

- Quando to de boa com as pessoas

67. Se trabalho

- Com motivação, estou de boa

- Com desafio, estou de boa

68. Me deprimos quando

- Bebo

- Sou ignorado

ANEXO VIII - COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Complemento decorrente de dúvidas quanto ao posicionamento da família do pai em relação à mãe.

BOM DIA MANO,

A família do meu pai detesta a minha mãe, houve a possibilidade dela vir para cá e aí ela encarou. Foi a melhor coisa que ela fez.

Desentendimento, autoritarismo. Se metiam demais na vida deles e aí ela não suportou. Um detalhe que eu não citei é que na família do meu pai há um forte histórico de distúrbios psíquicos e muitos casos de alcoolismo agudo.

Ah, acabei de ser comunicado que estou cogitado para assumir a Gerência de Divisão de Custos Empresariais do SERPRO. Se tudo der certo, dia 01/06/2005 sou designado. Estou muito feliz.

Um abraço!

Complemento decorrente de dúvida quanto à mudança de religião

A Religião anterior é chamada Mahikari, o templo fica na Asa Norte.

Aderi por aquela pressão materna, minha mãe conheceu a Mahikari num momento em que iria se separar do meu pai, foi bom para ela, mas para mim, já uma pessoa tímida, convivendo com o oriental?

Sentia um puta vazio interior, os momentos em que você devia relaxar eram levados muito à sério, grande merda esses costumes orientais. Assumi o catolicismo de vez, fiquei um mês em Mato Grosso, conversei com muitas pessoas, foi super legal, hoje experimento essa realidade com a mesma serenidade com a qual a conheci.

Minha mãe achava que eu não iria levar à sério essa mudança, mas hoje ela fica muito impressionada, inclusive irá à missa comigo sábado. Um amigo meu disse que já tirei jovem das drogas por causa do trabalho catequético.

Um abraço!